

[CAPA]

Mysterios do
VIOLÃO

[ILUSTRAÇÃO]

QUARESMA
E COMP.
EDITORES

RIO DE
JANEIRO

[Contém em todas as páginas, exceto na introdução, os seguintes cabeçalhos:
Página esquerda: Quaresma & C., EDITORES
Página direita: Mysterios do Violão.
Na introdução, o cabeçalho é o seguinte:
AO LEITOR]

[Encontra-se entre a última página e a capa uma nota fiscal de venda da Livraria Braziellas, datada de 14/11/1961, no valor de R\$ 200,00]

[1]

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

MYSTERIOS DO VIOLÃO

GRANDIOSO
E EXTRAORDINÁRIO REPERTORIO
DE

Modinhas Brasileiras

POR

EDUARDO DAS NEVES
auctor d' **O Cantor de Modinhas,**
d' **Trovador da Malandragem** e da **Marcha**
Santos Dumont

RIO DE JANEIRO
Livraria do Povo – Quaresma & C. – Livreiros-
Editores
65 e 67 – Rua de S. José – 65 e 67

1905

[II]

Os editores **Quaresma & C.** avisam
ao publico que todos os livros editados por sua
casa – **Livraria do Povo** – são de sua
exclusiva propriedade litteraria.
Capital Federal, Janeiro de 1905.

Quaresma & C.

Ao leitor

O nome de **Eduardo das Neves** não mais carece de apresentação, de padrinhos, de reclames. E' um nome hoje conhecidissimo, popular; como é conhecido, como é popular, esse eminente e notavel trovador, pelas suas innumeradas viagens por todo o interior do Brasil.

Poeta popular, bardo do povo, **Eduardo das Neves** é unico, entre nós, sem haver encontrado, até agora, quem lhe possa, quem lhe saiba imitar o éstro expontaneo, a inspiração prompta, a facilidade de poetar, aproveitando sempre os assumptos palpitantes, momentosos, a “ nota do dia”, para os perpetuar nas suas canções.

Como **Aristides Bruant**, no *Chat-Noir*, como **Jehan Rictus**, como **Xavier Privas**, como **Paulus**, como centenas de artistas, que se fazem ouvir nos theatrinhos da *banlieue*, nos *cabarets* artisticos de Montmartre, nas

scenas do Boul'Miche', **Eduardo das Neves** tem se feito applaudir nos circos de ca-

[IV]

vallinhos, nos cafés-cantantes, no *Parque Rio Branco*, em todas as casas de diversão desta capital e dos estados.

As suas canções, cantigas, cançonetas, poesias, modinhas, são celevres, decoradas, repetidas em varias casas, pelos nossos tocadores de violão e tambem pelos phonographos e gramphones.

Este é o terceiro livro de **Eduardo das Neves**, que publicamos. Estão reunidos aqui os ultimos trabalhos do notabilissimo autor da cançoneta *Homenagem á Santos Dumont*, popularissima, no Brasil:

“A Europa curvou-se ante o Brasil”, etc.

Para elogio do eminente trovador popular, basta dizer que não são unicamente os tocadores de violão os *Cafagestes*, o *Povo da Lyra*, que cantam e applaudem as suas canções.

Em muitas casas de familia, nos aristocraticos salões de Petropolis, Botafogo, Laranjeiras, Tijuca, etc., senhoritas distinctissimas, e *virtuoses* conhecidos fazem-se ouvir em noites de recepção, nas cançonetas de **Eduardo das Neves**.

E' por isso que não trepidamos em dizer que **Eduardo das Neves** é um verdadeiro trovador popular. não será um poeta impecavel, um **Bilac**, um **Medeiros de Albuquerque**, um **Raimundo Corrêa**, um **Luiz Delfino**, um **Arthur Azevedo**, um **Murat**, um

[V]

Figueiredo Pimentel, mas è com certeza um poeta, na legitima accepção do termo, como o publico os aprecia, os lê, os decora, e os traz constantemente na imaginação.

Estamos certos que os *Mysterios do Violão* – esse terceiro volume do extraordinario bardo do povo, filho do povo, - obterá ainda maior e mais legitimo successo, do que o *Cantor de Modinhas* e *Trovador da Malandragem*, ambos de sua

lavra, e ambos por nós editados, com
incrível, estupendo sucesso.

Quaresma & C.

[6]

[Em branco]

[7]

Serenata no Mar

Barcarola

Acorda, Eulina formosa,
Chega depressa á janella,
Que a lua está magestosa,
E a noite é serena e bella.

Na barquinha côr de rosa,
Eu venho te despertar...
Escuta, Eulina formosa,
A serenata no mar!

Desperta, abandona o leito,
Descerra o teu coração:
Ouve as queixas de meu peito,
Nos threnos de uma canção.

Ouve a nauta que suspira,
Em sua barca, ao luar,

Aos sons plangentes da lyra,
Na serenata no mar!

E' meia noite, donzella,
Despresa inuteis receios...
Não tardes, Eulina bella,
Que eu quero beijar-te os seios.

Quero a tua companhia,
O teu suave cantar,
Para completa magia
Da serenata no mar.

[8]

Serenata a Leonor

(Com a musica da valsa "*Muchacha*" de Aurelio Cavalcante.)

Certa manhã, linda aurora
Brilhava lá no horizonte.
Vinha o sol dourando o monte,
Com o seu brilhante fulgor.
Oh! que lindo madrigal!
Lá na campina se ouvia
O mimoso rouxinol,
Que suadava a luz do sol,

Com alegria
Jovial.

Então, proscripto, sozinho,
Ouvindo tão terno canto,
Inspirou-se mago encanto
O mimoso passarinho...
Ai! um ninho
Eu quizera fabricar,
Do prado alli no frescor:
Quizera ser beija-flor,
Entre perfumes
Habitar.

Vi, então, formosa rosa,
D'um vallado ao lado, alli,
Amores, flores, no prado amado,
Encontrei!... suspirei por ti!...

Qual beija-flor impassivel,
Voando de flôr em flôr,
Quero vencer o impossivel,

[9]

Quero adorar Leonor.
Ai! amor!

Quanto é bello, cheio de esp'rança,
Na lyra um bardo cantar,
Adorar gentil criança,
Sempre adorar,
Amar!...amar!...

Na minha lyra chorando,
Na terna clave da dor
Teu lindo nome chamando,
Vem, oh! formosa Leonor!...

Offerecida ao talentoso maestro Aurelio Cavalcante; a quem o autor pede desculpa por se utilizar da sua bella composição musical, sem o previo consentimento.

OOXOOXOO

Lôla e o seu Cocheiro DUO

LÔLA

Pensei que não mais voltavas
(Isso a meu ver)
Soube que por riba andavas,
Ja tens mulher!...
Custa me a crer que um cocheiro,
Assim, atôa,

Seja velhaco e matreiro,
Para a patrôa!
Retiro-lhe a confiança;
Que em má hora lhe dei;
O ser tolo também cança,
E, por isso, eu já cancei,
Eu já cancei!

[10]

COCHEIRO

Outra mulher eu não tenho,
Essa è bem boa!
Pois si aqui ainda venho,
Pela patroa!
Mas é sempre este queixume,
A martelar;
Esse maldicto ciume
Não tem logar...
Escuta, Lôla querida,
O teu cocheiro inda sou:
Despreso tudo na vida;
A teu lado sempre estou,
Ai! sempre estou!...

LÔLA

E' bem levado da bréca,
Sabe falar...
E sempre depois que péca,
Vem me agradar.
Anda na vadiação
Há mais de um mez...
Mas, emfim, dou-lhe perdão,
Por esta vez;
Não retiro a confiança,
Que em boa hora lhe dei.
Ser patroa não me cança,
E assim sempre serei,
Assim serei,
Assim serei!...

[11]

COCHEIRO

Eu logo vi que a patrôa
Não é tão má,
Por zangar-se, assim, atôa,
Ora aqui está:
Tenho labias na cachola,
Em profusão,
Está mansinha, minha Lôla,

Do coração.
Esta moral é sabida:
Já tenho ouvido dizer
O que se leva da vida
E' gozar sempre o prazer,
Sempre o prazer,
Sempre o prazer!

ooxooxoo

O Cosinheiro art nouveau

Sou dos grandes capitães
Cosinheiro, e sem rivaes;
Outro que a mim se compare
Não se encontrará jamais!

Para um jantar de fulgor
- Banquete superior –
Si queres, é só dizer,
E não pedir por favor.

Para prova do que digo,
As ordens aqui estou;

[12]

Depois de provaram, digam:
Cosinheiro à *art nouveau!*..

Próvem todos meu tempero,
Que divino gosto tem,
Pois nos hoteis de Paris
Eu já fiz furor tambem.

El-Rei D. Carlos me encommudou
Bacalhau com batatas... Provou,
Deixou de ser solteiro... se casou...
O da Italia mandou-me chamar,
Para macarronada lhe apromptar!
Para o rei da Inglaterra, batata da terra...
Fui ao Japão, onde não ha feijão...
Para a China fui depois;
Lá pude ver o chim comer,
Com dois pausinhos, arroz
O seu arroz... o seu arroz!...

Próvem todos meu tempero, etc.

ooxooxoo

Cançoneta
(Parodia á “Exposição”)

Vivia eu na cidade, fazendo um figurão,
E fui para a roça passar o São João.
Por infelicidade faltou-me dinheiro,
Para regressar ao Rio de Janeiro.

Ah! ah! ah! ah! ah!
Oh! oh! oh! oh! oh!

[13]

No meio da estrada, aborrecido,
A olhar para tudo pensativo.
Mas tudo em vão! Entrei, então,
Na casa de um cidadão.

Olé! olé!
Olá! olá!

Cousa melhor não ha, não ha,
Que na roça a gente se achar.

Olé! olé!
Olá! olá!

O bom carname, o bom café,
Olari lo lé!...

Depois que entrei, tendo almoçado,
Chega-se um pequeno, chama-me cunhado...
– Quem é sua irmã? – Não sei... – Quero vê-la,
Corra a chamal-a, quero a conhecer...

Ah! ah! ah! ah! ah!
Oh! oh! oh! oh! oh!

Chegou, então, uma pequena,
Que era mesmo um pancadão:
Logo que avistei a morena,
Palpitou-me o coração

Olé! olé!
Olá! olá!

[14]

Cousa melhor não ha, não ha,
A pequena que bella está!

Olé! olé!
Olá! olá!

Com ella mesmo hei de casar!
Olali li lá!...

Segui o namoro: queria casar.
Mas não tinha ouro p'ra cousa arranjar.
O pae da pequena quer para fevereiro...
Vou assentar praça no Rio de Janeiro.

Ah! ah! ah! ah! ah!
Oh! oh! oh! oh! oh!

Eu sem emprego e domicilio,
Atrapalhado p'ra casar...
Não posso ser pai de filho,
Posso ser bom militar...

Olé! olé!
Olá! olá!

Cousa melhor não ha, não ha,
Do que um brado a dois formar!

Olé! olé!
Olá! olá!

Andar de espada e de bonnet
Olá si é!...

O futuro sogro desce atraz de mim,
Para o meu noivado, urgente, dar fim.
Mas, quando me vio todo a militar,
– “Oh! o senhor é soldado?!... Como quer casar?...”

Ih! ih! ih! ih! ih!
Oh! oh! oh! oh! oh!

Pois tu não vês, não sou *arara*
Nem Perú e nem coió;
A tua filha é uma roceira
Só faz casa de *cipó*.

Olé! olé!
Olá! olá!

Oh! minha farda e cinturão,
O meu facão e o meu bonnet !...

Olé! olé!
Olá! olá!

Eu já não quero mais casar!...

ooxooxoo

O caixote

Com musica do famoso Calke-Walk

Foi lá Estrada de Ferro Central, a transação...
Que os taes oitocentos e cinco pacotes já tão falados,
Entraram na dança do samba infernal. Grande função!
Comeu quem podia comer, quem não póde, faz discussão!...

[16]

Quá... quá... quá... quá... Comeu, quem podia comer;
Quem não póde, sacode: vai de inveja morrer;
E papa-fina, gente boa é que lhe mette o dente...
Ora viva sempre a casaca o claque,

Que representam quem é decente...
O caixote mysterioso sahiu, dizem, não sei,
Nem sei si correndo, ou voando, d'ali para onde foi,
Porque ninguem diz com franqueza que o vio.
Não póde a Lei
Dizer que fulano foi quem comeu do boi.

Um barulho nesse embrulho! Podem esperar
Que o caixote volte ali, ao seu logar,
Muiro andar procurar é gastar sapato:
Foi sardinha gorda na bocca do gato.

OOXOOXOO

DÚO

ELLE

Vem cá, mulata, grande peixão,
Não sejas ingrata, quero dar-te o coração.

ELLA

Ser coió, é tua sina...
Vai ver si esou, vai ver si esto, ali, na
esquina.

ELLE

Deixe de luxo, dá-me consolo,
Vem o “repuxo” conhecer do teu creoulo.

[17]

ELLA

Não vou, não quero. Oh! que massada!
Eu desespéro com tamanha cassoadá...

ELLE

Pois si não queres, vou mostrar-te a
pacotada.

(Mostra dinheiro)

Eu sou rico de dinheiro...
Eis aqui, bem podes ver...

ELLA

Seja, então, meu companheiro,
Quero ser tua mulher.

ELLE

Eu lhe dou cinquenta lonas,
Para um dia só ficar.

ELLA

Eu não sou das marafonas,
Para tal cousa aceitar.

ELLE

Vamos, vamos, Dulcinea, para a *Maison Art*
Nouveau,
Que depois da bôa ceia, zaz... traz... para o
Chateau...

ELLA

E' meu sonho uma epopéa para a *Maison Art*
Nouveau;

Que depois da bôa ceia, eu com elle mais
não vou...

[18]

ELLE

São oito horas, eu tenho pressa,
Da bôa gente aqui da roda se despeça.

ELLA

Mas um segredo, aqui, primeiro:
Para esta bolça, já, preciso algum dinheiro.

ELLE

Tão de principio parece troça...
E' signal que para o fim a cousa é grossa

ELLA

Que par ditoso, eu a teu lado...
Ai! meu dengozo, meu creoulo apaixonado

ELLE

Juro por Deus que já estou desconfiado

Vou marchar na grande ceia,
Que bem caro ha de custar.

ELLA

Sempre tua Dulcinea,
Para no mundo te amar.

ELLE

Noutra alhada como esta
Nunca mais eu cahirei.

[19]

ELLA

No correr de toda a festa,
Muito bem te servirei.

ELLE

Ai! meu cobre, coitadinho,
Que esta noite ha de voar
Vou me ver apertadinho,
Pois não posso me escapar.

ELLA

Meu teteia, meu santinho,
Mais não queiras demorar,
Porue és tão bonitinho,
Que te quero, já gosar.

ooxooxoo

Os Frades

Tem dado que falar a meio mundo
O caso do Mosteiro de S. Bento.
Ali reina um mysterio bem profundo...
Só o descobrirá quem tiver talento.

E' o caso que a nova Fradaria
Entrar com o novo abbade só queria.
A pulso quis metter figuração,
E dahi estabeleceu-se a confusão.

[20]

ESTRIBILHO

Houve troça e correrias na cidade,
Telegramas á Sua Santidade,
Desacordos e descontentamento,

Pelo caso, pelo caso do Mosteiro de S.
Bento!

O grande masgistrado, mui sedento,
Achou-se atrapalhado nesse dia;
Mandou a força armada, e foi portento,
Guardando a batinada da abbadia.

Mas o povo, que estava amotinado,
Gritou, forte, valente, inda uma vez,
Sem siquer ter receios do soldado:
– “Queremos lá p’ra dentro o das Mercês...”

Houve troça, etc...

Emfim, por acabado tudo deram,
Devido a certos homens de pericia.
Mas em toda a embrulhada os que soffreram
Foram os pobres soldados de policia;

Que ali permaneceram longas horas,
Dobrando sentinellas, sem comer,
Sugeitos aos debiques e aos fôras
Do povo que o Figuração não quer.

Houve troça, etc...

Saudação a Santos Dumont
No dia do seu feliz regresso á Patria

Chegou sempre esse dia venturoso!
Eu da orchestra venho, ao bello som,
Cantar os meus versos patriotas,
Para saudar Santos Dumont.

Salve o heroe que uma bandeira
Desfraldou, ousado e feliz!
Causou assombro à Europa inteira,
Voltou saudoso do seu paiz!

A patria recebeu agradecida
O seu filho, esse heroe de immensa gloria,
Que tanto arriscou a sua vida,
Para legar-lhe um victoria.

Salve o heroe etc. etc.

Agora o Brasil mais orgulhoso
Declama á Europa neste tom:
Si foi Colombo rei dos mares,
E' rei dos ares Santos Dumont

Salve o heroe etc. etc.

Tçao moço heroe, tão destemido,
Da patria a gloria é o seu idea
Seu nome, tão reconhecido,
Legou á historia universal!

Salve o heroe etc. etc.

[22]

Esperança

a pedido de uma amigo, á sua adorada

Ha um Anjo neste mundo,
Que não me sáe da lembrança...
Si durmo, durmo sonhando,
Com a formosa Esperança.

Mas como eu sei adoral-a,
Essa risonha criança!...
Na voz, no riso, na fala,
Ninguem iguala Esperança.

Si a vejo, entre outras flores,
Seu perfume a trescalar,
Sinto de nossos amores

Audaz ciume sem par.

Seu labio tão purpurino,
Tem essa cor tão mimosa,
Que num sorriso divino
Parece um botão de rosa.

Eu jurei te amar, constante,
Trago essa jura em lembranças,
Espera a tua firmeza:
Quem espera, sempre alcança.

[23]

Mascotte

duo cantado em portuguez por Iracema e
Eduardo das Neves,
com grande sucesso, no Theatro Parque Rio
Branco.

DAMA

Ai quanto é bello recordar
Os bellos tempos que se vão!

CAVALHEIRO

Quem me dera agora voltar,
A ser pastor, como era então!

DAMA
De manhã logo, mui cedo,
Já eu ao longe te avistava.

CAVALHEIRO
O rouxinol no arvoredado,
Tua voz acompanhava.

DAMA
Meus perús andava guardando.
Meus perús faziam glou... glou... glou...

CAVALHEIRO
De meus cordeiros sempre ao pé,
E os quaes faziam bé... bé...

[24]

DAMA
Mas eu tenho tanto amor!
Meus perus fazendo glou... glou... glou...
Glou... glou... glou...

CAVALHEIRO
Eu, outro tanto, ou mais até!
E os cordeirinhos: bé... bé...

Bé!...

DAMA

A vida alegre me sorria,
Gozava, então, muito prazer...

CAVALHEIRO

Que diga o céu o que eu sentia,
No goso infindo do viver.

DAMA

Cantavam alegres passarinhos,
Mil madrigaes, por entre flores...

CAVALHEIRO

Ao estalar de mil beijinhos,
Falando dos nossos amores.

DAMA

Eu quero, então, voltar ali,
Quero ainda ouvir glou... glou... glou...

[25]

CAVALHEIRO

Hei de seguir-te, sem temer...
Quero então ouvir o bé...

DAMA

Eu te tenho tanto amor!...

Gosto de ouvir glou... glou... glou...

Glou... glou... glou...

Glou... glou... glou...

Glou... glou... glou...

Glou...

CAVALHEIRO

Amor eu tenho a ti, mulher...

Gosto de ouvir o bé... bé...

Bé...

Bé...

Bé...

Bé...

ooxooxoo

Salve !

Deus guarde, senhores, distintas senhoras,

O vosso cantor presenteiro aqui está,

Cantando na lyra tão maga e serena,

A linda morena Marietta França.

[26]

E' meiga, é formosa, tão cheia de encantos,
Primores, ai! quantos a natura dá.
No riso, na fala, modesta e amena,
E' sempre a morena Marietta França!

Rendendo este culto á candida imagem,
Bem justa homenagem no verso aqui está,
As palmas e flores que colher nesta secca,
São para a morena Marietta França.

Nota: Esta poesia foi cantada pelo autor em a noite do beneficio da distincta artista Marietta França, no Circo, - de sua propriedade, juntamente com seus dignos irmãos, - que estava funcionando na Tijuca. O autor recebeu applausos calorosos, inclusive dos dois partidos que se haviam formado em honra á mesma sympathica artista.

ooxooxoo

Saudação!

A' bella Ignez Clusett
(Na noite de seu beneficio no Theatro-circo
Francois)

Viu-se um dia, nesta scena,
A multidão aclamar...
Estreava a bella Ignez,
No seu arame a valsar.

A multidão, enlevada,
Applaudia a bella flôr...
Nos annéis da loura trança
Linda Ignez mata de amor

[27]

Mimosa, qual violeta,
E clara como a alvorada,
Sua belleza é completa
E é artista consummada!

A multidão, enlevada,
Applaudia a bella flôr...
Nos annéis da loura trança
Linda Ignez mata de amor

Os seus dotes divinaes,

Sua beleza sem par,
No dia de sua festa,
Venho na lyra cantar!

A multidão, enlevada,
Applaudia a bella flôr...
Nos annéis da loura trança
Linda Ignez mata de amor

ooxooxoo

Roda Yáyá
Resposta á cançoneta *Roda Yôyô*

Meu bem, mulata,
Ai! meu feitiço,
Si implicas com o meu olhar,
Cuidado, que o teu derraço
Não te venha castigar.

[28]

Olha que eu sou escovado,
Tú es bella rapariga.
Si te chegas p'ra meu lado,
Olha que saes de barriga

Eu sou turuma,
Eu tenho siso,
Tenho fortuna,
No que é preciso.
Bis

Arrebitada, presumpçosa,
O diabo desta mulata,
No seu porte tão garboso,
Me debica, prende e mata.

Olha, eu trago muita sêde,
Mulata, em ti, por demais,
Cahindo na minha rêde,
Das malhas não sahiras.

Eu sou turuma etc.

ooxooxoo

Valsa das côres

BRANCO

Branco é a paz, a paz tranquilla

Côr efficaz, alva scintilla;
E' a pureza, é a candura.
E' a belleza, a formosura,

[29]

A côr das auras
Cá do Brasil,
Das vestes claras
Noiva gentil.

Essa côr nos extasia,
E' bem verdade, sou franco...
Mas um bilhete de loteria,
E' o diabo si nos sahe branco.

ENCARNADO

A côr vermelha, ou encarnada,
Viva seentelha, é muito amada,
E' o respeito, que impõe a terra,
E' o effeito da immensa guerra...

O desalmado
No seu furôr,
Do encarnado
Só tem temôr.

Porém, aqui um conselho:
Eu detesto, não se zangue,
Não olho alegre, o vermelho,
Sendo a correr nosso sangue.

AZUL

E o azul a côr celeste;
Maio tafúl de azul se veste;
E delicada a côr de anil,
Luz da alvorada de meu Brasil.

[30]

No mar inteiro,
No azul dos ceus,
O marinheiro,
Julga ver Deus!
Gosto desta côr no ceu
Ou em maio, mez tafúl,
Mas não tiro o meu chapéu
A' gente de sangue azul.

VERDE

Verde é tão linda a côr da esp'rança,

Espere ainda que breve alcança.
E a Esmeralda, tão bella assim,
Ou delicado verde alecrim.
Ella se encontra
Nessa bandeira
Que o mundo aponta:
– A Brasileira!
Essa côr, assim, no traje,
Gosto della e sou feliz,
Mas não a acho mui bella
Si é o tal verde-pariz...

AMARELLO

É o amarello a côr do ouro,
Ai! quanto é bello ter um thesouro!
É a canella tão saborosa,
È a côr singella a mais mimosa.
E' no horizonte
Côr do arreból,
Dourando o monte
A luz do sol.

[31]

Amarellas libras eu amo,
A luz do sól tambem quero;

Mas a quem digo, proclamo,
Que o amarelo é desespero.

PRETO

Preto é o luto, a opulencia,
Em absoluto, é a decencia,
A seriedade, è a altivez,
A orphandade, a viuvez...
A negra fome,
O pranto, a dôr,
Tem esse nome
A negra côr.
Mas si estivermos jogando,
Dados, bilhar ou roleta,
Que bom, si vamos ganhando
O bom cobre... ali á preta!...

ooxooxoo

Creoulo Faceiro (Ao sympathico clown Benjamim de Oliveira)

Eu sou creoulo faceiro,
E sou bregeiro, na multidão,
Cada conquista é um thesouro

No choro do violão!...

Vem cá, mulata,
Não sejas má,

[32]

Que o teu creoulo,
P'ra teu consolo,
Prompto aqui está.

Num paraiso de flôres,
Os meus amores aqui sonhei:
Em sonho vi minha amada,
Magica fada, a quem amor jurei.

Linda morena,
Meu cherubim,
Tem dó, tem pena,
Do Benjamim.

Eu venho lá de outra terra,
Onde em cem guerras de amôr me vi,
E combatendo feias acções,
Mil corações ali venci!

Com toda a calma,

Fui vencedor:
Ganhei a palma,
Na guerra de amor,

Ouvi minha despedida:
Adeus, querida, peccados meus,
A tua ausencia me mata...
Linda mulata, adeus! adeus!

Quanta saudade!
Amor sem fim,
Nesta cidade
Vai deixar o Benjamim!

[33]

Nesta rua
A. S.

Nesta rua existe um anjo,
De suprema perfeição:
Esse anjo tem um iman,
Que me prende o coração.

E' morena, de olhos bellos,
Tem a bocca pequenina
Lindos pés, negros cabellos,

Tem a formosa Albertina.

E' no todo tão graciosa,
Que, entre os anjos immortaes,
Albertina, tão formosa,
Não encontrará rivaes.

Si sorrindo não me illude,
Si em seu peito amor existe,
Aos lamentos do alaúde,
Seu coração não resiste.

Vem, Albertina, meiga, divina,
Bem vês que é sina do trovador
Nascer amando, viver penando,
Sempre implorando um terno amor.

Gentil creança, o teu amor
Venho implorar, numa canção,
Mas a esperança, linda flôr,
Sinto morrer no coração.

[34]

Questão do Acre
Nova Gargalhada

Causa-me pasmo o entusiasmo
Do heroe boliviano,
Dar barretada com um barrete,
Que é norte-americano...
Mas o Brasil foi sabedor,
E grandiosa expedição:
Logo mandou para o norte...

La vai o Pando, coitadinho!
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Para livrar-se do massacre
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Dizer alem a seu padrinho
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Desta vez não como acre
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Elles querem nosso café, para tomar com
bolacha,
Para fazerem mamadeiras, querem a nossa
borracha;
Mas o Brasil com precaução mostrará sua
bravura,
Não lhe dá a boa teta: dá-lhe balla com
fartura!

La vai o Pando, etc.

Dom Pandeiro teve um plano: mostrou de
quanto é capaz;
Fazer constar que cá não vinha, preferindo
então a paz.
Mas o barão do Rio Branco, que não dorme
um só momento,
Descobriu que o Pando vinha a cavallo...
num jumento!

[35]

La vai o Pando, etc.

São duas boccas para um terreno, neste caso
singular
Mas p'r'o Brasil tudo é o mesmo: ha de a
victoria ganhar,
Que não servimos para palitos, o Pando irá
dizer:
*Caramba! Los macaquitos hacen la tierra
tremar!*

ooxooxoo

O prato da rôla

Canção dedicada ao illustre vate brasileiro
dr. Mello Moraes Filho.

Foi nesta collina de murta olorosa,
Distante, saudosa, da aldeia do val,
Que em moita de flores de suaves perfumes,
Soltei para os cumes o meu madrigal.

E o pombo da selva que o canto escutára,
Seu ninho deixando nos ermos d'ali,
Voou a beijar-me: eu era donzella,
Roubou-me a capella, e esposa me vi.

E' desde esse dia que guardo na mente,
Esposa recente cantando a vôar,
Com o pombo casada, deixei minha selva,
Na aldeia com elle eu fui habitar.

Que vida tão bella, tão cheia de encantos,
Primores, ai! tantos, tão perto do val!
Voava bem alto, mirava a cidade,
Não tinha saudade da terra natal.

[36]

Passaram-se os dias de calma e ventura ;
A negra amargura desfez nosso amor,

Fui preza a um viveiro e o esposo adorado
Morreu fuzilado por um caçador.

Não sei que fizeram do pobre filhinho,
Que, ainda no ninho, chorando ficou...
Morreu ah! quem sabe da sorte inditosa?
Si a vibora ascorosa seu corpo tragou?

Seis mezes captiva, sem um goso infindo,
Até que, fugindo, á selva tornei
Busquei logo a moita do meu doce ninho,
No qual o filhinho chorando deixei.

Em vão procurei! Jazia queimada
A arvor' copada do meu santo amor;
Do filho que amava não soube da sina,
A vasta campina não tinha mais flor!

Mal hajas aldeia de infames traidores,
Cruéis caçadores, malditos sejais!
Meu esposo, meu filho mataram, coitados!
A mim vis malvados não prendem jamais!

*
* *

Aqui a rolinha soltou um gemido

Tão terno e sentido que fazia dó,
Cerrando o biquinho do canto sereno
Morreu com o veneno da folha do imbó!...

[37]

Desafio Ao Som da Viola

Na pitoresca villa de Jabotão, no estado
de Pernambuco, tive
ocasião de apreciar, em um domingo de
festa, dois cabras, cueras
no famoso desafio da viola.

Não pude guardar em memoria mais do
que as seguintes rimas
que mais me prenderam a atenção, por saber
que eram verda-
deiras.

JOÃO JOSÉ ao avistar , o seu desafecto:

Meu amigo e camarada,
Me diga como passou;
Quero saber do onde veio,
As horas que aqui chegou,
Si bebeu muita aguardente,

Si já dormiu, já almoçou.

PEDRO ROXINHO

Senhor, eu não o conheço,
E nem sei de onde viria
Indagar da vida alheia,
Homem serio não o faria...
Vá indagar do diabor,
Não lhe dou tanta ousadia!

JOÃO

Eu fico logo vexado,
Si vejo que o cabra amúa,
Sei que vou dar um vestido
A' adaga que trago nua,
Pois a Cara do Diabo,
Bem já me parece a tua.

[38]

PEDRO

Veja bem, meu camarada,
Você com quem se metteu:
Chamo-me *Pedro Roxinho*,

Tenho alcunha de *Judeu*;
Quem matou Zé Cariboca,
Lá na Victoria, fui eu

JOÃO

Bem me estava parecendo
Que tens cara de assassino;
Zé Cariboca era grande,
Pois eu cá sou pequenino...
Mas bata contra este cabra,
Que vaes ver já ter destino.

PEDRO

Zé Cariboca era grande,
Tinha fama de valente,
Formaram trinta soldados,
O cabra pulou na frente;
Derrotou toda essa tropa,
Ainda chamou mais gente.
Si não fosse o golpe certo,
Que eu lhe dei, nesse repente,
Talvez que hoje inda vivesse
Esse cabra renitente.

OOXOOXOO

A Placido de Castro, defensor do Acre
Soneto

Eil-o agora entre nós, ativo e sobranceiro,
A fronte coroada de louros triumphaes,
Da patria um defensor, no Acre audaz
guerreiro
Seguiu o lemma honroso dos bravos
generaes.

[39]

Nasceu de si somente e quiz provar um dia,
Que contra o arbitrario expunha o peito :
Empenha-se na lucta, combate a tyrannia,
Exterminando infames a bem do seu direito.

Placido, da patria do legendario Herval
E' hoje um Placido da Guarda Nacional,
Terror reconhecido do esperto boliviano.

A ti foi conferida bem elevada patente!
Mesmo arriscando a vida, vais sempre
marchando em frente...

Salve Brasil, e a glória do commandante
acreano!

ooxooxoo

A sympathica cabloca
Canção

Num dia de festa, na casa paterna,
Eu vi trescalando essencia de rosa,
Esvelta mestiça de fino semblante,
Das bellas a bella mais pura e formosa.

A linda cabocola, candida flôr
Por quem os Coiós se matam de amôr!

Vestida de branco, sorrindo fagueira.
Mulher feiticeira, estavas tão linda!
No porte garboso, que então ostentavas,
De tudo zombavas, recordo-me ainda:

[40]

Depois me sorriste, com terna affeição
Saudei teus encantos, em maga canção.

Passados momentos, na sala da festa,

Reinava silencio! nem um só rumor!
Ouviu-se uma voz tão terna e maviosa
Da virgem formosa, em phrases de amôr...

Da linda cabôcla a linda canção,
Gravou em minha alma eterna paixão.

ooxooxoo

Maria

Ai! quanto martyrio e dôr
Me fazes passar, Maria,
Pois te jurei um dia
O mais sincero amôr;
E melindrosa flôr,
Que d'um jardim surgia.
Era toda a alegria
De meu peito soffredor.

Ai! Maria! Ai! Maria!
Quantos beijos tão ternos pedia.
Vem me falar,
E do nosso amôr lembrar.
Ai! Maria! Ai! Maria!
Teu sorriso me dá alegria.
Ai! vem Maria!
Ai! Maria! Ai! Maria!

[41]

A noite é serena e bella,
A lyra tem mais harmonia ;
Eu quero te vêr, Maria.
Descerra a tua janella,
Tão fascinante e bella,
Deusa do meu amôr
Oh! vem que o teu trovador
Té espera, brilhante estrella,

ooxooxoo

A romã

1º

No cimo de uma collina
Tinha Luzia um pomar ;
N'elle levava a menina
O santo dia a cuidar
Uma linda romanzeira,
Toda coberta de flôr,
Que lhe dava muita canceira,
Pois lhe tinha muito amôr.

Quando ia ao pomar Luzia

Dizia-lhe sempre a mamã:
«Cuidado! que o passarinho
não te belisque a romã!...»

[42]

2º

Assim que ao pomar chegava,
Tremia-lhe o coração,
A' romã que já rachava
Prestava toda atenção:
Beijava a fructa vermelha,
Com seus labios de coral
Mas não deixava que a abelha
Lhe fizesse o menor mal.

Succedia que, todo o dia,
Quando rompia a manhã,
Vinha um passaro do ninho,
Lhe cubiçar a romã!...

3º

Assim que a tal fructa avista
Do seu galho a quer comer,
Um cardeal, que eriça a crista,

Todo a tremer de prazer;
E de manso, com cautella,
Vai sobre o arbusto pousar...
Ai! Luzia, minha bella,
Sem a romã vais ficar!

Ai! cuidado com o atrevido,
Olha o que disse a mamã:
«Cuidado! que o passarinho
Não te belisque a romã!...

[43]

4º
Uma certa tarde o somno
Da bella se apoderou,
E, por isso, no abandono,
Sem a bella romã ficou...
Quando acorda, a desgraçada
Compreendeu todo o mal:
A romã foi beliscada...
Nem sombras do cardeal!

Desditosa, corre afflicta,
Contar o caso á mamã...
E fugiu o passarinho
Ver si encontra outra romã!...

ooxooxoo

Idylio gratis

Passeando certa tarde, no Cattete,
Vi uma bella de um todo feiticeiro
Não resisti ! fui dizendo o que sentia...
Mas de arame eu não levava nem o cheiro.
E ella, ao ver minha attitude,
Suppoz de encontrar o que queria.
Mal sabia que o gajo estava prompto:
Nem um vintem nas algibeiras lhe tinia!...

ESTRIBILHO

Mas si ella sabe, si desconfia,
Em tal asneira não cahia...
Por certo não sou arára,
Só gosto d'ellas... de meia cara.

[44]

2º

Fiz-lhe muitas promessas, pois não nego,
Para prometer, como eu, outro não tem.
E a bella se mostrou mui satisfeita,
Mal sabia que eu estava sem vintem.
Illudida com o monoculo e a cartola,

Os aneis que no dedo iam brilhando
Pois não se lembrou que ali passava bond;
E a diva no calcante foi andando...

ESTRIBILHO
Mas si ella sabe, etc.

E após essa palestra muito longa,
Não querendo fez-me á força em casa entrar,
E depois de chegarmos ao aposento,
Fez-me convit para com ella ceiar...
Mas que ceia, meus senhores, eu vos conto
Para a qual vos peço toda atenção:
Foram suspiros arrancados d'uma alma,
E muitos mais... de um sincero coração!...

ESTRIBILHO
Mas si ella sabe, etc.

ooxooxoo

Soluçando

Soluçando eu te disse um terno adeus,
No momento fatal da despedida:
São gemidos que arranco de minha alma,
São punhaes que me vêm roubar a vida.

Eu te amo como o bardo ama a canção;
Eu te amo como o anjo ama a Deus;

[45]

Muitas vezes encontrei-te entre soluços,
E outras enxugava os prantos teus.

Eu queria mirar-te a vida inteira;
Eu quizera morrer nos braços teus;
Já gozei muita fê com esperanças,
E hoje entrego a minh'alma aos pès de Deus!

Adeus! Adeus! para sempre, adeus! adeus!
Adeus! para nunca mais nos ver!
Adeus! digo um adeus ! inda repito:
Ai! morena, de saudades vou morrer!

ooxooxoo

Modinha

Mulher ingrata, olha a minha dôr,
Es causadora, mulher, de paixão, de amôr,
Entrego a Deus o céo profundo

Ainda hei-de te ver, mulher, mendigando o mundo

Tu foste falsa ao meu coração,
Ainda hei-de te ver, mulher, mendigando;
Então, contente, hei-de me gloriar,
Até um sorriso, mulher, hei-de te negar.

O que soffri, o quanto padeci,
Chegou a hora, mulher, de me ausentar de ti.
Entrega-te a Deus, ao céu profundo,
Ainda hei-de te ver, mulher, mendigando o mundo

[46]

Albertina

Eu vi sobre o mar navegando
Um bardo laureando em flor...
Albertina, em ti pensando,
Não na sorte, mas no teu amor...
O barco sumiu-se e fiquei sósinho,
Sempre a imaginar...
De repente sumiu-se a lua...
Era turvo o ceu e o mar...

Mas que tristeza

Soffreu meu coração,
Que tanto palpitava,
Que se interessava,
Pela sorte ou morte,
Que me delirava
Que me consagrava,
Pela morte tudo.

Somente pelo barco,
Que se sumiu levando
Sempre seu rumo para o norte!
Meu Deus, eu não posso sofrer assim,
Com tanta maldição!
Já desagua no oceano
Minha vida pela embarcação...
Eu sinto em meu peito uma dor ferir-me
Com tanta repulsão.

[47]

Albertina, eu não morro
Sem vencer teu coração.
Oh! que noite sonora
Para quem n'este mundo padece...
O céu me parece uma rosa...

Antes eu nunca ao mundo viesse

Oh! que prece!
A lua não corre, percorre
O mundo na serenidade...
Vem, Albertina, socorre-me,
Que eu peço por piedade.

ooxooxoo

Carmen

Carmem, tu és formosa,
Qual violeta mimosa,
Dos verdes jardins de Deus!
E's a flor mais adorada,
Tens attrativos de fada,
Carmen, dos sonhos meus!

E's bella, de natureza;
Tu tens comtigo a belleza,
Por seres mui perfumada
Entre camelia e cravina,
E'a oh! mulata divina,
E's a flor mais adorada!

[48]

Carmen, querida Carmen,

Mulher de minha afeição,
Vem dar allivio, que soffre
O meu pobre coração.
E's deusa de encantos,
Eu sou murcha flor,
Tu és tudo, eu não sou nada,
Apenas um trovador.

Por tua causa só oh! Carmen,
E' que hoje vivo assim!
Vivo sosinho no ermo,
Sem ninguem ter dó de mim!
Porem si meu fado é esse
Só a pensar e soffrer,
Oh! Deus tira-me a vida
Pois não quero mais viver.

ooxooxoo

Herminia
modinha

Envolta em gaze vaporosa,
Num devaneio oh! abysmavas,
Tu sobre a rede preguiçosa
No teu amante meditavas,
O teu sorriso era um delirio,

Eram teus olhos fulgurosos
Da minha estrada de martyrio
Os ideaes pharoes ditosos.

[49]

Scismai, oh! bella, em quem te adora,
Scismai, archanjo em teu cantor,
Que elle, em doces threnos chora
Por teu amor implorar, idolatrada flor
Sendo o teu peito tão sensivel,
Reinando em ti plena bondade,
Dai-me um riso bem sensivel, por piedade
Daí-me o ideal, oh! deidade!

Trescala a flor brando perfume,
Mas teu aroma é mais sublime.
Das estrellas despresa o lume
Teu olhar mais fulgor exprime!
Da noite a negridão que encanta,
Fascina, prende e arrebatá
Mas como o teu cabelo oh ! santa
Poder não tem que um peito mata

A Natureza deu-te os encantos
Sublimes e santos que a ninguem legou
Em ti, querida, são tantos, tantos,

Os predicados, que em ninguém se achou,
E's um complexo de formosura,
Tanta candura só a ti é dada
Seduzes, matas com doçura,
Que tens minh'alma escravizada.

Envolta em gaze vaporosa,
Tu continuas meditando
No teu amante, oh ! minha airosa
Os seus preludios escutando.

[50]

Porem a tarde pouco a pouco
Vae fenecendo e a noite vem.
Eu me despeço, e adeus ao louco,
Que só te ama e a mais ninguém.

ooxooxoo

O ROUXINOL

(Olympio Nogueira)

Vem longe o dia, oh! grande Deus,
Sinto-me só, sosinho aqui!
Ouço-a cantar, são sonhos meus :

Não canta assim a juryty.

E' o gorgeio tão sereno
De minha doce companhia !
E' o rouxinol de canto ameno,
Que me vem dar sempre o bom dia.

Vem, meu rouxinol,
Annunciar-me a madrugada.
Ao surgir do sól fagueiro,
Com o teu brejeiro
Canto de amôr,
Feito alvorada.

Vem, oh! meu amôr,
Com os gorjeios do teu cantar
Me arrancar a dôr sem fim
Queeu quero emfim não mais lembrar!

[51]

Passado um mez ella partiu.
Voár aos cèos, vi-a d'aqui !
Minha alegria se extinguiu,
Com o cantar da juryty.

Pois vejam que infelicidade,

Meu coração quão triste estais !
Ella deixou tanta saudade,
Que o rouxinol não canta mais !

Vem meu rouxinol, etc.

ooxooxoo

Num bosque deserto

Num bosque deserto eu vivo a penar,
Até que a morte me venha findar,
Do meu coração angustiado,
Cumprindo a sina de um desgraçado.

Que importa morrer, si eu sou desgraçado,
Pela mulher a quem eu tanto amava !

Um canto mmoso da rôla na matta,
Faz lembrar-me da mulher ingrata.

Adeus, minha mão de eterna amizade,
Plantai em meu tumulo perpétua saudade !

[52]

Mulher Ingrata

Amar-te, ser constante, foi a jura
Que eu te fiz, quando te dei meu coração;
Tudo quanto eu jurei tenho cumprido,
Só tu pagas com derprezo e ingratidão

Seguirei resignado o meu destino,
Mas a ninguém relatarei o meu passado.
Fui um louco ! meu Deus ! amar tão firme
A mulher que quiz me ver tão desgraçado

Não te quero mal, porque não posso,
Mas não te amo como já te amei outr'ora,
Porque tens me sido muito falsa
Eis o motivo porque de mim vaes embora.

ESTRIBILHO

Não ha para mim mulher no mundo
Que possa dar allivio á minha dôr.
Tu fizeste do meu pobre coração
Um punhal traiçoeiro ao teu amôr

ooxooxoo

Passo a vida

Passo a vida mais alegre neste mundo,
Só namoro as meninas que têm dóte;
Si alguma escorregar, cahir no laço,
Eu provarei que sou coió, mas tenho sorte.

[53]

Si lhe escrever	Si não tivéres
O que è mais cêrto,	Tôdo o cuidado,
Quero a resposta	Levas a lata
Com muito affécto	Do outro lado.

Em um baile encontrei cêrta menina,
Ceclarei-lhe meu amor até à morte ;
Com um sorriso nos labios respondeu-me :
« O senhor é um coió de muita sórte ».

Pois bem, menina,	Si não tiveres
Para ser cêrto,	Todo o cuidado,
Quero um namoro	Leva a lata
Muito correto	Do outro ládo

Após alguns momentos me disseram
Que a menina não tinha nem tostão ;
Sem saber a razão, eu fui sahindo,
Cantarolando, soltando-lhe o balão...

Talvez te escreva, Por isso eu peço
Mas não é certo ; Todo o cuidado,
Não sou malandro, Guarde esta lata
Mas sou esperto. Do outro lado

Vivo alegre, folgazão e sempre só,
Danso, bebo, engrosso e vou marchando ;
Não me importa que me chame de coiô,
Quando as coizas não me cheiram, vou andando

[54]

Talvez eu te escreva Si o quitandeiro
Da outra banda ; Ficar zangado,
Mesmo na porta Lê a resposta
D'uma quitanda Do outro lado.

ooxooxoo

Corinna

Corinna,
Quando te vejo,
Tenho desejo
De dar-te um beijo.

Mas tenho medo,

Que tarde ou cedo,
Cause perigo
Nosso segredo.

Só nós dois sozinhos,
Fala bemzinho,
Se me concedes
Dar-te um beijinho.

Teus olhos
Que me dominam,
Matam, fascinam
Meu coração.

E quem olhar
Ficará soffrendo,
E maldizendo,
Por não te amar.

[55]

Mas possuindo
Tua belleza
Viverei constante
Por ver em frente
Tanta nobreza !

Nas horas doces
Em que te vou ver,
Pego-me o perder
Só pelo prazer.

Toda a tristeza
Vai desaparecendo,
Porque vou vendo
Tua beleza.

E, logo chego,
Perguntando a ella:
Diz-me, donzella
Só para mim
Quem te fez tão bella?

Não te quero mal,
Nem no meu sonho
É teu semblante
Tristonho.

Mata qualquer
Creatura
Essa tua
Formosura

Tua belleza
Tapa a pobreza.
Cala meu bem,
Que serei teu só
E de mais ninguem!...

ooxooxoo

Arminda

Arminda, vem ver a lua
Como vem pallida e triste ;
Lastimando a triste sorte
Que no meu peito existe.

Ella se mostra offendida
Foi porque me desprezaste,
Foi a lua testemunha
Quando jurei e tu juraste.

Arminda, si eu te amei,
Foi para tambem me amares,
Nunca pensei, nesse mundo,
Arminda, me desprezares

As juras que tu fizeste

Ai ! foram todas em vão !
Seja a lua testemunha
Desta tua ingratidão.

[57]

O castigo que mereces
Seja a lua della adorada
Implora o perdão a ella,
Que por mim estás perdoada.

Ainda espero em Deus,
Que neste mesmo lugar,
Junto á fonte, n' esta pedra
Em meus braços te apertar.

ooxooxoo

Sempre chorando

Lundu

Um dia pensativo,
Lembrei-me de uma ingratidão
Que me fez uma branquinha
A quem dei meu coração.

Namorei uma mulata,
A branca me despresou ;
A mulata ficou firme,
A branca foi que rodou.

Agora estou satisfeito
Com a minha mulatinha ;
Não me lembro mais que existe
Aquella ingrata branquinha.

[58]

Agora estou satisfeito
De ver a mulata cantando ;
Fazendo figas á branca
Que vive sempre chorando.

ESTRIBILHO

Sempre chorando, diz ella,
Teu coração é quem me mata,
Eu digo chorando sempre,
Não sou teu, sou da mulata.

ooxooxoo

Minh'alma soluça

Minh'alma soluça, ninguém lhe responde ;
Tristonha se esconde, nas dobras de um véu ;
De luto coberta, soluça maguada...
Qual foi o meu crime que mal fiz ao céu?...

Amor, amor, porque não falas
Porque te calas, julgas-me um réu ;
Amor tem força que nos domina,
Obra divina que vem do céu.

Meu Deus, eu soffro, padeço tanto,
Meu triste pranto não tem mais fim ;
Ai ! triste sina ! que horrivel sorte !
Antes a morte, que a vida assim !...

[59]

Amor não póde culpado ser,
Nem merecer castigo atroz,
Amor não pode ser feio crime
Que o ente opprime pois vem de vós.

ooxooxoo

Capital Federal

Já não se encontra casa decente
Que custe apenas uns cem mil reis ;
Os senhorios constantemente
O preço augmentam nos alugueis.

Anda o povinho tristonho, inquieto,
Tendo para isso grande razão;
Nem mesmo surge qualquer projecto
Que nos liberte desta aflicção.

Das algibeiras foge-se o cobre
Como arrancado por um tufão ;
Carne de vacca, não come o pobre,
Em muito breve não come pão.

Phosphoros e vellas, cenouras, nabos,
Vinho, aguardente, milho, feijão,
Banana podre, couve, quiabos,
Tudo se vende por um dinheirão...

[60]

ESTRIBILHO

Um cidadão nestes tempos
Não pôde andar amarrado ;
Adeus, adeus Nenenzinha

Vá cada um pr'a seu lado.

ooxooxoo

Não confies na beleza

Não confies na beleza,
Mulher, assim orgulhosa ;
Que os tempos modificam,
E és precaria, és precaria, como a rosa.

Não creias que a formosura
Constitue felicidade ;
Que os tempos modificam
Calca aos pés, calca aos pés tanta vaidade.

Venturosa é só na terra
A mulher que tem firmeza ;
E que une em seus encantos
A' virtude a singeleza.

Sem ter virtude, sem ter pudor, *Bis*
Toda a beleza perde o valor

[61]

Só depois de sepultado

Adeus ! adeus ! oh ! morena !
Vou baixar á sepultura ;
Sei que de mim não tens pena...
Nosso amor é sem ventura.

Adeus ! adeus ! oh ! morena !
Quero dar-te a despedida...
Sei que de mim não tens pena,
Queres roubar minha vida.

Adeus ! adeus ! morena !
Hei de amar-te até morrer...
O teu orgulho que importa?!..
Mesmo morto hei-de vencer...

ESTRIBILHO

Só depois de sepultado,
Deixarei de te adorar...
Podes crer que um desgraçado
O teu nome há-de lembrar.

ooxooxoo

O meu paiz

Na hora em que se cobre
De nevoas, a serrania,
E o sino, em triste dobre,
Murmura Ave-Maria.

[62]

Eu tenho cruel saudade
De um tempo mais feliz,
Daquella tenra idade
Vivida em meu paiz.

Aqui tudo é tristeza,
Aqui tudo é penar,
E' tudo sem belleza
O céu, a terra, o mar.

Não ouço das creanças,
Os brincos infantis;
Os hymnos de esperança
Que ouvia em meu paiz

A' sombra da palmeira
Talvez não goze mais,
A paz hospitaleira
Da casa de meus pais.

Das relvas de velludo
Das flores de matiz,
No céu, na terra, em tudo,
Quizera o meu paiz.

ooxooxoo

Resposta ao violão

Só por ti, minha querida,
Passo as noites a imaginar,
Mas não te posso contar
Tanto.

[63]

Lembra-me do teu encanto
Do meu continuo soffrer,
Não deixo de te querer,
Então.

Não tenho socego n'alma,
Pensando no que ella esquece,
Mesmo porque isto enlouquece
Um homem.

Muito tu has de sentir

Esta minha retirada...
Já não te digo mais nada :
Adeus !

O culpado não fui eu
De ver-te soffrer assim...
O meu consolo é chorar,
Então.
Lembra-te sempre de mim !

ooxooxoo

As delicias do amôr

Em algum tempo fui feliz, muito ditoso,
E gosava as delicias do amor;
Mas vivo triste, abandonado,
Desprezado por ti, oh ! minha flôr !

Que importa que me votes ao desprezo ?
Que importa que de mim queiras zombar ?

[64]

Pois si eu nasci neste mundo
Somente, donzella, para te amar.

Assim passo esta vida tão ingrata
Sem de mim tu teres compaixão...
Mas qu'è importa, si nasceu para soffrer
Só por ti, donzella, meu coração?!...

Mas, donzella, tu não te compadeças
Deste pobre despresado infeliz ;
Pois que eu assim mesmo despresado
Inda espero contigo ser feliz.

ooxooxoo

Passando por certa rua

(LUNDÚ)

Passando por certa rua
Linda morena encontrei ;
Aproximei-me d'ella
De certa forma lhe fallei.

Ella olhou-me por cima do hombro,
Toda espantada que me causou assombro.

Morena, minha morena!
Tenha de mim compaixão ;
Que eu supportar não posso

A dôr de meu coração.

[65]

Ella me disse: “Oh! senhor vá-se embora ;
Não o conheço, em outra hora.”

Passando pela dita rua
A ella fui logo vendo ;
Parei, de meu bem em sua porta !
Emquanto estava chuvendo.

Ella me disse: “O senhor pode entrar;
Venha pr’a dentro, queira se sentar !...”

Depois que ella se acomodou
E me prestou toda a attenção,
Aproximei-me d’ella
E fui lhe apertar a mão.

Ella me disse: “Eu bem o conheço...
Tanta cortesia, assim, eu não mereço...”

ooxooxoo

Soledad

Modinha

Offerecida á simpáthica archi-graciosa Maria Soledad

No ardor da paixão, e nos threnos da lyra,
Minh'alma suspira, sempre presa está ;
Dos ternos olhares, da vóz sonora,
Da joven formosa — Maria Sol'dad !

[66]

A's vezes de noite, scismando sósinho,
Eu chóro no *pinho*, que allivio me dá,
O louco desprezo, - cruel fealdade, -
Da linda beldade – Maria Sol'dad!

E ella despreza-me, vendo que a adoro,
Que por ella chóro, mostrando-se má...
Sem ter compaixão, duramente orgulhosa,
Travêssa e formosa – a Maria Sol'dad!

Luctar já não posso com tão triste sorte,
Pois que só na morte remedio terá ;
Morrer eu desejo, na lyra chorando,
Mas sempre chamando – Maria Sol'dad!

Lá na campa fria, onde alfim se repousa,

Sobre a minha louza escripto será :
Aqui jáz o bardo que tudo soffreu,
Até que morreu – por Maria Sol' dad!

Rio 1 de Setembro de 1904

ooxooxoo

A Vaccina e os Ratos

Para se cantada com a musica da cançoneta *Manhã na Roça*.

Anda o povo indignado
A reclamar bis
Por ser agora obrigado
A vaccinar

[67]

Tem, quem falla, por seu lado
Razão... bis
Sêr á força vaccinado..
Não... não...

A phalange agora afina
Em vóz soberana
Que a materia da vaccina

E' de ratazana.

Seja mentira ou verdade
E' visto...
Andar por toda a cidade
Isto :

Uns homens de lata e *cheta*...
E' facto
A tocar n'uma corneta
Rato... Rato...

bis

Fez até um grande heroy
Bôa *cobreira*...
Tinha lá por Nichtheroy
A Ratoeira.

bis

Mas descubrem certo dia
A toca...
Entre toda a rataria
A que não éra carioca

bis

[68]

E' pegado o tal ratão
Que cabra escovado
Mas não vae para a detenção

Por ser vacinado.

Seja mentira ou verdade
E' visto...
Andar por toda a cidade
Isto :
Uns homens de lata e *cheta*...
E' facto
A tocar n'uma corneta
Rato... Rato...

ooxooxoo

Sinhazinha

Sinhazinha, moça e bella,
E' mais linda que uma flor,
Tão formosa que por ella
Quase estou louco de amôr.

Tem perfume na boquinha,
E um olhar que é de matar ;
E os olhos da Sinhazinha,
São verdes da côr do mar.

Da côr do mar...
São de matar...

bis

O olhar...

[69]

Minha Candonguinha... (tres vezes)
Minha Candonguinha, dá-me um beijo,
Um doce beijo só pr'a mim,
Minha Candonguinha, tal desejo
Satisfaz assim... assim...
Minha Candonguinha, dá-me um beijo,
Um doce beijo só p'ra mim.
Minha Sinhazinha... (bis)
Minha Sinhazinha, um beijo assim.

Tem Sinhá tanta belleza,
Taes encantos tem Sinhá,
Que na propria natureza
Perfeição igual não há.

Quando, além, por entre cumes,
A lua surgindo vem,
Ella mesmo tem ciumes
Dos encantos demeu bem.

O seu olhar
E' de matar Bis
O olhar (bis)

Minha Candonguinha... (tres vezes)

ooxooxoo

[70]

Flor do Norte

(A gentil creoula que me
traz rendido ao iman do
meu meigo olhar).

Ao insigne cancionetista e illustre poeta popular Eduardo
das Neves.

Como eu te amo, querida bahianinha,
mimosa flor do prado !
Junto a ti eu almejo a vida minha
passar acorrentado !

Ninguem pode ficar indiferente
quando estás á cancella...
Quando vendes pipocas, toda a gente
morre por ti donzela.

E que graça que tens com teu balaio

repleto e perfumado ;
Quando dizes me olhando de soslaios:
- “Amendoin torrado !”

Como és bella no teu gracil decote
mostrando o collo á flôr !
Esse collo que arfando, encerra um dote :
- Thesouros mil de amor !

Ai ! gentil bahianinha, meu enleio,
oh ! fina Flor do Norte !
Quão feliz eu seria si em teu seio
achar que eu fosse a morte !

[71]

Pois não há quem não fique apaixonado
te ouvindo, meu bemzinho :
“Yôyô, pipoca ? – Amendoim torrado?
Amendoim quentinho!”

ALBINO CABRAL

ooxooxoo

O Menino de Santo Antonio

(CANÇONETA)

Com um desvelo fervoroso
A madre Julia Conceição,
Por Santo Antonio milagroso
Tinha profunda devoção!

Por alguns casos de consciência
E mais acções, ou sonhos máos,
Fazia logo penitencia,
E lhe beijava os balandrãos!

Tlim tlim, tlão,
Quando toca a oração bis
P'ra rezar a Santo Antonio
Logo as freiras todas vão.

Certa manhã, sabendo ella
Que um bom pintor passava ali,
Mandou pintar na sua cella
Um Santo Antonio, só p'ra si !

[72]

Cheias de inveja as outras freiras
Dum fresco ao ver pintura tal,
Ao pintor pedem mui lampeiras

P'ra cada cella um santo igual!

Tlim tlim, tãõ etc,

Mas oh ! por coisas dos demonios
Foi quando tudo reparou,
Que em nenhum dos Santo Antonios
Nem um menino elle pintou !

Vom muita fé rezem ao santo,
A's freiras, diz o maganão
Que os meninos, no entretanto
Depois apparecerão !

Tlim tlim, tãõ etc,

E as freiras todas á porfia,
Assim que tal ouvem dizer,
Ao santo imploram noite e dia
Para o milagre lhes fazer.

E cada uma aqui termino,
Com tanta fé pediu ou seu,
Que em pouco tempo um menino
Em cada cella appareceu !

Tlim tlim, tãõ etc,

[73]

(REPETIÇÃO)

Seguindo as freiras o exemplo
Da madre Julia Conceição,
Correm todas ao fim do Templo
Cheias de angustia e afflição.

Logo ajoelham mui chorosas
Posição mystica... em summa,
Que as freirinhas, Bentas ou Rosas
Têm um menino, cada uma ;

Tlim tlim, tlão etc,

Madre Julia fica pasmada
Ouvindo tal declaração,
E com voz lenta mui pausada
Tomou ingente resolução.

Tambem fique isso é verdade,
O peccado hoje, está na moda,
E' uma obra de caridade
Mandar meninos para a roda !

Tlim tlim, tlão etc,

Foi a porteira, mui contente,
Levando todas as crianças,
Acobertando tanta gente
Mas sem causar desconfiança.

[74]

Ao dar os nomes, nesse momento
E' que foi obra do demonio :
Ponha, senhor, lá no assento...
Seu menino de Santo Antonio.

Tlim tlim, tlão etc,

Constando isto lá no céu,
O mestre pintor foi chamado,
Padre Eterno o repreendeu
Por os meninos ter pintado !

“A culpa não foi toda minha,
Senhor Eterno, pode crêr
Pedia-me sempre a freirinha
Para o milagre lhe fazer!”

Tlim tlim, tlão etc,

O padre Eterno olhou p'ra as santas
(Que santinhas !...) a seu lado :
Nos cherubins, a folhas tantas,
Presisava ter muito cuidado...

Baixam os olhos com respeito
Com fulgores, mysticos, divinos...
“Está muito novo este sujeito...
Póde encher o céu de meninos...”

Tlim tlim, tlão etc,

[75]

CANTIGAS

Quando Deus fez este mundo,
Dos seis dias que levou
Foram cinco em Portugal ;
No resto, um só, e sobrou.

Vou mandar por na Cartilha ;
Quando Deus formou Adão,
Foi de terra Portugueza
Que fez o seu coração.

Sou portuguez de nascença,
Sou triste por sympathia...
Conheço-te pela rama,
Raiz de terra sombria.

Porque é que os Portuguezes
Trazem olhos de chorar?
E' porque as ondas são agua:
Deitaram os olhos ao mar...

No céu há uma janellinha :
Vê-se Portugal por ella;
Quando Deus se sente triste,
Vai sentar-se junto d'ella...

Portugal, de tanto andar,
E' de tal qual como um velhinho :
Deita os seus olhos atrás,
Não se atreve a mais caminho.

[76]

Ai ! de quem chama dos outros
Aquilo que chamou seu :
Ao ! triste de quem tem sêde
Da agua que já bebeu.

Portugal inda menino,
Cresceu, cresceu, triste sorte:
Dizem que crescer depressa
E' dar ajudas á morte.

Portugal, um grão de areia,
Fama de grandes respeitos,
Olhai um cedro creado
Num vaso de amores perfeitos.

Bandeira das Cinco Chagas
Se cahiste, isso que tem ?!...
Tres vezes cahiu Jesus,
P'ra se erguer como ninguem.

xxx

Em nome do amor me benzo,
Faço uma cruz no começo ;
Esta é aquella alegria
Com que tanto me entristeço...

Meu rosario de cantigas,
Acabarás, bem ou mal ?
Todos os rosarios têm
A sua cruz no final.

[77]

Quanto amor, quantas venturas,
Me sonheguei esta vida!
Vou demandá-las no céu...
Na terra é causa perdida.

Amei e fui desamado,
Foi o que devia ser :
Não era nobreza dar
Com tenção de receber.

xxx

Chamaste-me – “Fala só,”
Oh ! que falsa opinião !
Estava a falar contigo,
Falando ao meu coração.

Ha corações, como as arvores,
Que recebem, mas não dão :
Recebem sol nos seus ramos,
Enchem de sombras o chão...

Já fiz confissões de amor ;
Commungar, não communguei ;
Os jejuns de alegrias,

Quando acabarão, não sei.

Quando tu falas, minha alma
Fica tão silenciosa,
Que nella ouvira e sentira
Abrir-se um botão de rosa...

Medir coisas infinitas,
Vae além da natureza...

[78]

Com teu palminho de cara
Mede-se toda a belleza.

Bem dita seja a tristeza,
Minha alma não a receia ;
A tristeza é pr'a minha alma
Como o azeite pr'a candeia.

Alma, não venhas aos olhos ?
Vida como te hei de eu ver ?
Perdida por entre nevoas
Que em agua se hão de fazer !

Nosso fundo é de tristezas,
Embora a gente o não creia :

A vida corre sobre ellas
Como o rio sobre a areia.

Ouço cousas que não ouço,
Vejo coisas que não vejo...
Olhos da minha saudade,
Ouvidos do meu desejo!

Levo uma pena de vida,
Pena deste desamor :
A de não levar saudades,
Que é a saudade maior...

Eu quero bem á tristeza,
Que nella me alegro eu :
E' de noite, pelas sombras,
Que há mais estrelas no céu...

ANTONIO CORREA DE OLIVEIRA

[79]

“Amôr sincero”

Mui gosto de ti menina bella ;
flôr mimosa.
Meus nobres encantos mia estrella ;

minha rosa.

Teus olhos faceiros e divinos ;
são crystaes.
São bellos, agudos e ferinos ;
são punhaes.

Teus lindos cabellos são cadeias ;
não se fendem.
Madeixas venustas de cereia ;
que me prendem.

Teus cabellos os mais chics são formosos ;
virginaes.
São os ramos mais ricos, luxuosos ;
de coraes.

Ai juras de amor que a ti só faço
são cabaes
São fortes mais rijos que o aço ;
sem rivaes.

Te amo com a fé mais santa e pura
que conheço
E por ti do berço á sepultura
só padeço.

ooxooxoo

[80]

Canção

Musica da modinha “Por mais que eu queira abafar”

Aonde estiveres, - te juro, -
A gosar ternas delicias ;
Como os meus não tens tão puros,
Outros mimos e caricias !

Dêm a ti bellos primores,
Os santos e sabios magos ;
Como os meus não tem fulgores,
Outros doces, são affagos!

Se ornarem a tua fronte,
Com a c’rôa mais formosa ;
Como os meus não tens que contes,
Outros risos côr de rosa !

O’ra o monge no deserto,
A’ ti rainha dos palmares ;
Como os meus não teus de certo,
Outros languidos olhares !

Nos caminhos que prossigo,
Entretanto esta canção :
Como o meu não tens eu digo,
Outro terno coração !

E tu do anjo benfazejo,
Tens o porte senhoril ;
Como o teu não acho, - veja, -
Outro magico perfil !

FLAVIO FONTOURA

[81]

AO LUAR

Ao som das violas, ó sertanejos,
cantai... cantai...
toca a bailar!
Após fadigas, após mourejos,
pelas campinas, montes e brejos,
dansai... dansai...
ao luar!

As camponezas fazem-vos rodas,
a rir... a rir...
Ide dansar!

(... Como são lindas as moças todas,
com vestidinhos d'ingenuas modas
a refulgir
ao luar!...)

No Céu, a Lua calma passeia
(A Castellã
dos Paços do Ar...)
E' noute bella de lua-cheia.
Rolai aos pares na branca areia,
tão alvaçã
ao luar!...

Tua guitarra, num desafio,
moço pastor,
faze vibrar.
(... O Plenilunio parece um rio
todo elle feito de leite frio...)
Descanta o Amor
ao luar !

Ao som das violas, ó sertanejos,
cantai... cantai...
toca a bailar!

Após fadigas, após mourejos,
pelas campinas montes e brejos,
dansi... dansi...
ao luar!...

FIGUEIREDO PIMENTEL

ooxooxoo

Versos a Elsa

Criança, eu sei que, por ora,
não sabes o que seja o Amor
- esse doce sentimento,
suave e consolador.

A tu'Alma, por enquanto,
vive sepulta na treva:
é como a folha que a brisa
sem nenhum destino leva.

Passas na vida, serena,
como um'ave a revoar,
sem sofrimento, sem dôres,
sem cuidados, sem pezar.

Si choras, tens quem enxugue

o pranto de tua face:
si te morre uma esperança,
outra mais viva renasce.

[83]

E como a folha que a brisa,
sem ter destino, conduz,
caminhas por um caminho
todo inundado de luz.

Mas, quando sentires n'Alma
se ateiar do Amor a chamma
has de saber o que soffre,
então, todo aquelle que ama.

Não mais has de ver a Noute
cheia de estrellas e sóes,
nem has d'ouvir, como outr'ora,
os cantos dos Rouxinoes.

E essa vida em que vivias,
tal si fosse um Céu aberto,
has de sentir transformada
em êrmo e triste deserto.

Não ames jamais, criança,

não queiras saber do Amor
- esse doce sentimento,
suave, consolador.

Si o Amor, ás vezes, é como
um fôfo leito de arminhos,
é muitas vezes estrada
cheia d'urzes e de espinhos!

[84]

Não ames jamais, criança,
não queiras jamais penar !
Passa a vida, serena,
como um'ave a revoar...

FIGUEIREDO PIMENTEL

OOXOOXOO

Virginia

O que me faz surgir a teus pés
Oh ! Virginia, lindas morenas,
Foram as phrases tão sedutoras,
N'aquella tarde serena.

Num jardim cheio de flores
Estava linda como Cecy.
Teu olhar era tão attrahente,
Que me tornei louco por ti !

Amei-te com prazer e esperança
De ainda um dia te pertencer;
Mas por outra joven fui illudido:
O teu nome me fez esquecer

Já que vivo assás em tristeza,
Neste mundo cheio de paixão,
De joelhos a teus pés me ponho
Para de ti obter o perdão

MELCHIÓR PINTO CORTEZ.

[85]

Jura constante

Ingrato, a meus pés, de joelhos,
Vens relembrar o nosso passado...
Pois hei-de cumprir a minha jura,
E tu seguirás o teu negro fado.

No meu jardim tu me adoravas

Eu te contemplava com meigo olhar,
E tu, ingrato, me foste falso,
Sem eu no mundo ninguém amar.

Hei-de me vingar do teu affecto,
Hei-de me vingar de ti, bem cedo,
Hei-de te ver passar amarguras,
Heide te ver findar num degredo,

Só agora é que tu te arrependeste,
De joelhos, me vens pedir perdão ?
Mas é tarde : jurei não mais querer-te
Nem que eu morra de amor e de paixão.

MELCHIÓR PINTO CORTEZ.

OOXOOXOO

Ingratidão

Como teu amor se acabou !
Para mim é triste eu pensar !
Pois si tu me abandonas
E' porque outro queres amar.

[86]

Mas não julgues, mulher amada,
Que eu já não posso soffrer,
Essa dor tão amargurada
Que esphacella todo o meu ser.

Si julgas que estou humilhado,
Por ver outro em meu logar,
Eu vou viver na solidão,
Vou viver longe do meu lar...

ESTRIBILHO

Esse outro a quem tu queres,
Cedo te há de castigar...
Como merecem as mulheres,
Que se fazem abandonar.

MELCHIÓR PINTO CORTEZ – (1904).

OOXOOXOO

A's grandezas da Virgem Maria

O meu amor

O' santa Virgem Mãe ! de Deus e minha,
de amor a Vós meu coração se inflamma ;

arde n'um fogo, que jamais definha,
de meiga, forte, refulgente chamma.

[87]

Vivida luz, de intensidade estranha,
Vos cerco, ó Mãe ! de scintillancias bellas ;
luz tão formosa, que um só raio ganha
á luz de toda a multidão de estrellas.

O Vósso Filho, ao Vos fazer o manto
de Gran Senhora Imperial do céu !
gastou de sóes do seu thesouro tanto,
que não chegaram ao trabalho seu.

Dos doze além, de a Vóssa fronte ornar,
em que augmentou, o divinal fulgor !
preciso foi Lhe muitos mais crear
para a tarefa completar de amor.

Calçou de lua Vóssos almos pés,
do sol vestiu – Vos da divina graça ;
e para os homens desde então Vos fez
das graças suas sempiterna taça !

Fulgido throno, junto ao seu erguido,
superornado de divinos seres,

Vos fez, é Mãe! o meu Senhor querido,
dos seus mais altos eternaes poderes.

No incomparavel seu fervor de Filho,
de claridades Vos ornou tão grandes,
que igualam quasi o seu eterno brilho
resplandecendo nos celestes andes !

Por isso, ó Virgem Mãe ! de Deus e minha,
de amor a Vós meu coração se inflamma ;
arde n'um fogo, que jamais definha,
de meiga, forte, refulgente chamma.

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA

[88]

Miseria

Do grande corpo social nas veias
entorna o virus a lethal serpente,
que em suas roscas, negras vallas feias,
ao pobre é leito em desespero ardente.

Quando da vida ao mago valle estende
seu atro olhar, se gera o vicio, a dor ;
de morte a baba ás gerações offende,

e após só deixa escuridade e horror.

Em raiva acceso, e volteando immenso,
o monstro silva, que infernal pujança !
Nas espiraes á humanidade, extenso
tumulo rasga, que profundo a alcança.

Mais que a procella, que o tufão é mais,
é mais que o raio aterradora, triste ;
se o pobre solta doloridos ais,
então mais crua e pertinaz o assiste.

E' como a noite que em seu seio occulta
vil assassino, que o negror escuda ;
vulcão, que a vida em seu furor sepulta,
igual tornando-a da caverna muda.

E' como o incendio a despedir vertigens
na rubro-negra labareda fêra,
que ao bosque, á casa, ou ás florestas virgens
supéra, rompe, e destruidor impéra !...

[89]

No mar levanta-se o escarcéo com furia,
desata abysmos, estourando a penha ;
mas sem que ao monstro da fatal penuria

opaco siga á gemedora brenha.

Quanto parece do demonio irmã,
hórrida a serpe que nos dá combate !?
Que á humana raça, seja enferma ou são,
golpes não poupa, até que alfim a mate ?...

O formidando, negro aspecto seu,
mais mêdo causa do que a propria morte !
Só lhe resiste quem confia ao céo
patrocinar a sua triste sorte.

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA.

OOXOOXOO

A' Mãe da divina graça

(RECITATIVO)

Com tua planta divinal esmagas
do inferno a serpe, deturpante, negra,
negra de morte, quando em nós apagas
tudo que offende á lei de Deus a regra.

Do mar da vida pelas feias brumas
immensas almas gemebundas erram,

e só alcançam salvação algumas
que ao teu amor, ó santa Mãe! se aferram.

[90]

Adão cahido, recebeu promessa

de em ti achar a salvação perdida;
de se passar da tenebrosa, espessa,
região da morte, para eterna vida.

E quando o tempo completado foi,
que a diva mente d'elle em prol traçou;
tempo de aor, como só têl-o sóe
o Verbo, ó Mãe! que ao sei teu baixou ;

então se viu, celestial Aurora,
ao mundo dares da Justiça o Sol !
tal como Deus o promettera outr'ora
ao triste réo, da sua causa em prol.

Porisso, o mundo Teus louvores canta ;
sem amor dar-Te nenhum homem pasa ;
todos veneram-Te a belleza santa,
e Mãe ! te chamam da divina graça !

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA.

ooxooxoo

Louvores a Maria Santissima

(RECITATIVO)

E' nada o mundo sem a luz da crença,
a vida é nada sem a luz da fé ;
e de ambas vida rutilante, immensa,
a pulchra Vigem Mãe de Deus só é!

[91]

Arca de amor, aonde Deus guardadas
todas as graças e riquezas tem ;
rútilo Sòl ás divinaes moradas,
mesmo ao alcáçar do superno Bem ;

Porque Vós Sois do eterno dia aurora
a Vósso Filho ao querer Vósso céde ;
sob qualquer invocação, Senhora !
mui feliz é quem Vósso auxilio péde.

ooo

Quando em campanha formidavel, dura,

antro de dores, de profundos ais...
se um bravo pede-Vos, ó Virgem pura,
o dom de ir ver os seus queridos paes ;

a esposa, filhos, seus irmãos, o lar ;
e bem a prece de almo amor unção ;
sente, elle, rapido, em sua alma entrar
firme certeza de voltar da ação !

O marinheiro, affrontador audar
de males mil na immensidão marinha,
lá quando em serras todo o mar se faz,
pondo-lhe a vida em posição damninha;

do abysmo encara a escancarada bocca,
mortal garganta, sem mostrar temor,
se Vósso nome docemente invoca ;
pois que a valer-lhe tem o Vósso amor !

Ao pé do berço do innocente, enfermo,
se a mãe chorosa Vos exóra, crente;
subito vê da enfermidade o termo ;
salvo o filhinho; e Vos bem diz contente.

A bôa esposa, que em seus braços vê, quase
a expirar, o companheiro seu...
se invoca o Vòsso patrocínio, e crê,
prompto remedio descer vê do céu.

Triste orphaosinho sem abrigo e pão,
de insonte olhar, e que a Vós, meigo, accorre;
encontra logo bemfazeja mão
que de alma e corpo a feia morte o forre.

Quem é que vále á donzellinha linda
contra os enganos d'este mundo tredo ?
Se ella Vos ama com ternura infinda,
sómente Vós, Gemma Real do Credo!

Onde andem homens arriscando a vida,
no mar, na terra, ou pelos áres fóra ;
de todos quase Sois a luz querida,
ancoraSois de salvação, Senhóra !

oOo

Porque a minha alma em Vòsso amor se afina,
meu coração Vos é perenne altar ;
Vóssos louvores, minha Mãe ! divina,
n'estes meus versos eu tentei cantar.

Benção e Supplica

A' memoria de minha Mãe

Lembranças tão doces eu guardo de vós,
de vós, minha Mãe, que querieis-me tanto,
que sempre minha alma saudosa bem diz
feliz esse tempo do vosso amor santo !

No meu coração, como em cofre sagrado,
ao lado do leito em que, santa, expirastes,
guardei vossa benção bellissima, infinda!
N'elle inda a conservo qual da alma a soltastes

Suaves palavras então desprendestes,
me déstes conselhos tão cheios de amor,
que teem-me na vida servido de norte...
De sorte que eu, n'elles, bem digo o Senhor!

As lindas sentenças – de effeitos divinos,
os finos conceitos – tão vindos de além !
ficaram, perduram no meu coração ;

e são, minha Mãe, o meu unico bem.

Por, isso, ora, aqui, em pobrissimas linhas,
eu minhas lembranças saudosas exaro;
de amor são lampejos de pallido brilho
do filho que sempre á vóssa alma foi caro!

São beijos que da alma vos dou santamente;
semente a mil outros que conto vos dar

[94]

no céo, logo após a severa partida
da viola, onde, ó Mãe, vos espero encontrar.

E lá, n'essas plagas da intermina luz,
Jesus supplicae, exorae-lhe por mim:
Que tire-me ás trevas que envolvem a terra,
á guerra infernal d'esta vida no fim.

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA.

OOXOOXOO

Hymno do Trabalho

VOZ

Nos regaços do luxo, a opulencia
Os cansaços do ocio maldiz ;
Entre as lidas, sorria a indigencia ;
Co'o pão negro se julga feliz.

CORO

Trabalhar, meus irmãos ; que o trabalho
E' riqueza, é virtude é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades amor.

VOZ

Deus, impondo ao peccado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal ;
O que vence a preguiça inimiga,
Reconquista o Edén terreal.

[95]

CORO

Trabalhar, meus irmãos ; etc.

VOZ

Quem dá graças aos Ceus, ao Sol posto

Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E' o obreiro: o suor que lhe enche o rosto
Mas seus dias não turva o pezar.

CORO

Trabalhar, meus irmãos ; etc.

VOZ

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que derherda o presente, e o porvir !
Sò á noite compete o repouso ;
Só aos mortos o eterno dormir,

[96]

CORO

Trabalhar, meus irmãos ; etc.

VOZ

Mar e Terra, Ar e Céu, tudo lida :
Deus a todos pôz luz e deu mãos :
Lei suprema o trabalho é na vida :
Trabalhar ! trabalhar, meus irmãos !

CORO

Trabalhar, meus irmãos ; que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades amor.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

OOXOOXOO

Perfume da rosa

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira ?
Um anjo, um sylpho ? Ou que nume
Com esse aroma delira ?

[97]

Qual é o Deus que, namorado,
De seu throno se ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha ?

- Ninguem ? – Mentiste : esse frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a poz assim pendente ?

Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou !
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou ?

Os espinhos que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
Tos desarmaram, ó rosa ?

E porque, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do Sol ?
Porque escutas tão rendida
O canto do rouxinol ?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurar-te na folhagem ?
Nas aguas desse retiro
Não espreitei a tua imagem ?

Não a vi afflicta, anciada...
- Era de prazer ou dôr? —
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai ! se não fôr um nume
O que em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que nesse aroma respira.

ALMEIDA GARRET.

ooxooxoo

O Espirito Santo

A frente da ermida, pintada de branco,
De flôres ornaram p'ra bella funcção ;
Do Santo Divino fazia-se a festa,
Do Santo Divino corria o leilão,

E o povo da roça, de gala vestido,
Os mimos mercava do largo em redor,
Dos lances cobertos, em meio dos risos,
A's vezes á rixa chegava o fervor.

- "Este casal de pombinhos,
Quanto val ? quanto me dão ?...
Acclamava o leiloeiro
No grande ardor do leilão.

- Ponha um cobre p'ra começo...
- Um cobre não ; bote tres !...
- Tres tenho ! quatro !... e mais cinco !
Cinco ! cinco ! bato !... seis !...

[99]

- Sete, patrão, bote setembro
Que os pombos são de Suzana ;
Heide compral-os, desejo
Crial-os lá na choupana.

- São seus por sete ! eis os pombos...
Vai agora o pão de lot,
Sahido quente do forno ;
Não tenho assim mais um ó !

- Dize, Julia, perguntava
Corado moço de um lado,
Foi por ti o loló feito ?
- Sim, senhor, e offertado.

- Então, patrão, ponha logo
Dous mil réis p'ra começar.
- Dous mil réis ! vamos devotos,
Quem dá mais ? quem mais quer dar !

Dou-lhe um... um !... dou-lhe dous...

- Dou-lhe tres... nem mais um só !

- Ponha-he cinco !

E' já tarde,

Tome lá seu pão de lot !

- Agora as fitas branquinhas

De umas negras tranças bellas,

São cheirosas como as flôres,

Lindas como a dona dellas.

- Patrão, vá lá, pelas fitas

Um cruzado... é já bater !

[100]

Um cruzado !.... dous !... oh ! gentes,

Isto é dar, não é vender !

Se o Santo Divino ouve

Estes lances do leilão

Não hade estar satisfeito,

Que eu tambem não estou, ai, não !

- Vá mais um cobre ! e agora,

Seu leiloeiro, é bater,

Que o Santo não é avaro,
Tem consciencia em vender.

- Vá feito ! são suas fitas...
Agora a rosca é que vai!
Quanto não val este lote ?
Tem duas libras ; pesai !...

- Duas libras a cruzado
Por um se devem comprar...
E' seu ! não bato, nem grito
Não vale o lucro cansar !

Por entre o murmurio confuso das vozes,
Dos risos, das palmas, corria o leilão,
A paz e a ventura, se liam nos rostos,
E quase sem prendas se via o balcão

Ao longe o canto soava

Do Divino, que parava
Nas choupanas a cantar.
E aos sons de tanta harmonia
Qualquer choça logo abria
As portas de par em par.

- Divino Espirito Santo,
O menino folião
Aqui vem trazer-vos festas,
Aqui vos traz abenço!

Oh! senhor dono da casa:
O menino folião
Vem cantar á nossa porta,
Vem lançar sua benção

Do Divino Espirito Santo
Aqui vem o imperador,
Elle bate á vossa porta,
Vinde abril-a, meu senhor !

Vermelha bandeira ondula
A soprar da viração !
Tem corda, sceptro e manto
O menino folião ! –

E do lado á barraca enfeitada
Correm todos p'ra sorte tirar,
as crianças, os velhos, as moças,
Que donoso e festivo folgar!

Da barraca formosa depressa

Vão-se as sortes e os mimos também,
Da folia descendo, entre risos,
Eis que o rancho moroso lá vem.

E quando a noite se estende,
Da ermida em frente ao terreiro,
Corre, e ataca o fogueteiro
As rodas que em páos estão ;

[102]

Uma fragata de um lado
O castello bombardeia,
E a girandola que se ateia
No espaço segue o balão.

Gritos, risadas, apupos,
Vivas, fóra c' o estridor
Da gente festiva applaudem
Do fogueteiro o ardor.

- “Vamos gente!...” E o archote alumia,
E a viola s'escuta a cantar,
Repetidos as vivas resoam,
E os foguetes estalam no ar.

- Vindouro anno que trazes

Do Espirito Santo as funcções,
Ardentes saudades chamam-te
Nos devotos corações!.,

JOAQUIM HELEODORO

OOXOOXOO

A Trigueirinha do Valle

Curto o vestido de chita,
No pescoço o lenço branco,
Calçando o leve tamanco
Passa a trigueira do val;

[103]

Mais delgada que a palmeira,
Dobra o corpo delicado,
A saltar no descampado,
A fugir do cafezal.

Sertanejos na viola
Lh' entôam canções de amores;
Dorme no leito das flôres
A' sombra dos palmeiraes ;
Nunca chorou, lisa a face

Purpureia a flôr dos annos,
Nem sentio dos desenganos
O soluçado dos ais !

Ella vai, correndo sempre,
Mais veloz que a branda aragem;
Tem Deos por guia á romagem,
Por scismas – sonhos de amor !
E quando o canto se perde
Pelos montes e vallados,
Vão a Deos os sons levados
Entre os perfumes da flôr !

Da trigueirinha do valle
Prende as tranças branca fita ;
O seio sonha e palpita,
Da bocca seduz a voz,
E quando o fado nas noites
De verão cobre o terreiro,
Alegre rufa o pandeiro,
Rasga a tyranna veloz !

Oh ! então, os sertanejos,
Endoudecidos de amores,

Formam roda, jogam flôres
Na trigueirinha do val.
Que – borboleta ligeira,
Sapateia o fado ardente,
Mais que a rainha potente
No reinado festival.

“ Sou trigueira! quinze annos
Tenho ufanos,
Libertos e magoa e dôr !
Não amei ; mas tenho amores
Como as flôres
Tem o perfume e a côr

Dos meus olhos os lampejos –
Sertanejos,
Quantos sonhos não vos dão ?
Minha voz – doce harmonia
Inebria
Nas toadas da canção.

Nos sertões ninguem deplora
Mais agora
Que a trigueirinha chegou :
Façam roda, ferva o fado,
Que agitado
Meu pandeiro despertou ”

E a trigueirinha rodando
Vai no fado graciosa,
Requebrando caprichosa
Dos negros olhos a luz,

[105]

Mais que do céu nivea nuvem,
Mais que a flôr vergada á aragem,
Mais gentil, a sua imagem
O sertanejo seduz.

JOAQUIM HELEODORO

ooxooxoo

O Tropeiro

Sustendo no rancho fogosa a carreira,
Suando, o tropeiro da porta gritou :
- Ouvi-me, patricios, eu venho em procura
De um macho maldicto; ninguem o avistou ?

Ah ! patricio, tenho legoas
Mais de cinco hoje contado,
Do lote perdido caço

Meu burro russo queimado.

Já fui aos valles distantes,
Pelos campos já cacei,
Nem rastos por entre a relva
Do malfadado encontrei.

Desviou-se da madrinha
Quando saltava o vallão,
Toquei o lote e não vi-o,
Tenho-o buscado inda em vão.

[106]

Da tropa a mais linda estampa,
O mais seguro no andar,
Era essa burro maldicto,
Que tanto me fez suar.

Afundei-me no riacho,
Té molhei o meu surrão ;
Este cavallo que monto
Não vale o meu russo, não.

Aquelle, sim ; nos ribeiros
Nem c'o a pata resvallava,
Mais ligeiro que o veado

N'um salto as margens galgava.

Mas este potro cinzento,
Vagaroso pangaré,
Não sente o relho que zune,
Nem a chilena do pé.

Lancei a peias do lote
A' turbulenta madrinha ;
Lá ficou, que o russo escute
O toque da campainha.

Mas, qual! o burro maldicto,
E' matreiro espertalhão,
Embora o chame a madrinha,
Não sahirá do sertão.

Já o sol desce no occaso,
Vou, patricio, me afastar,
O russo quelivre o pello
Se pela serra o encontrar.

[107]

Perdido um dia de marcha
Em busca deste ladrão !...
Russo maldicto, que a relva

P'ra ti se mirre do chão !,,

E zunindo o rebenque, a largo trote
Para as serras de além s'encaminhando,
O cansado tropeiro, do seu lote,
Pelo burro á gritar, foi-se afastando.

JOAQUIM HELEODORO

ooxooxoo

OS REIS

“ Na tronqueira do Loreto
Os santos reis encontrei,
E p'ra aqui cantarem todos
Apressado os convidei ;
Do sitio da bella fonte
Conheci logo os rapazes ;
As raparigas sagazes,
Donde são mesmo não sei.

Mas creio, por tanta graça,
Serem do Engenho de Fóra ;
E que importa ? corre a hora,
Cumbre bem os receber.

Aprompta a mesa e depressa
Que as vozes escuto já ;
Sim ; são elles que cantando
Sobem o monte p'ra cá.—”

-“ Do oriente viemos ufunos
Nós os reis do menino adorar,
E, cansados, pedimos um pouso ;
Abra a porta, oh ! senhor deste lar !

Temos myrrha, o incenso e o ouro,
Temos flôres, perfumes tambem ;
De adorar o menino viemos,
Que entre as palhas nasceu em Bethlem !

Do oriente viemos ufunos
Nós os reis do menino adorar,
E, cansados, pedimos um pouso ;
Abra a porta, oh ! senhor deste lar !—”

“Bemvidos sejam os magos
Visitar a pobre gente ;
Entraí, silencio, e ouçamos
Os grandes reis do oriente.”

E a turba festiva cantando penetra
Na sala e o espaço rodando circula ;
Suspira a viola ; nos sôpros da flauta
A voz languécida no canto tremula.

“Entre as palhas o menino,
A dormir, deixamos lá,
Se a cantar vamos de volta,
Dançaremos antes cá.

[109]

Da choupana aos bons amigos
Os reis saúdam contentes ;
Pobres embora, elles querem
Os estimados presentes.

Somos os reis que sagrados
Regressamos de Bethlem,
Por vossas graças em troca
Damos a paz, ventura e o bem.

De Maria o filho amado
Recebeu-nos a sorrir,
A sorrir aqui entramos,
P’ra vossas graças pedir”

E a turba na casa, circula
O espaço da sala, cantando ;
A viola suspira amorosa,
E a flauta soluça chorando.

Aos acordes sentidos, tão cheios
De doçura e de amor que se vão,
Nunca o mimo da boa hospedagem
Se recusa e contentes lhes dão.

E na mesa que lauta se estende
Convidados os reis do oriente
Tomam assento, e depois a saúde
Logo fazem da prodiga gente.

- “Obrigado, senhor mago,
Por vosso brinde, obrigado ;
Tanta honra não merece
O fazendeiro, coitado.

[110]

Mas já que todos cantaram
Eu também cantar desejo,
E a canção do sertanejo
Lembra logo o ardente fado.–“

“Sim! ao fado!...”E da mesa sahindo
Volta o rancho pr’sala, e então,
Se a viola delira nas vozes,
O adufo não dorme, ai! que não!

E os reis, mais a gente da casa,
Sapateiam com tanto fervor
Que s’esquecem das honras e logo
Vosmecê faz calar o senhor.

E a roda vôa; que roda!
Que fado! que sapateio!
Quanto amor! que doce enleio
Nesses brincos do sertão!

Ai! que saudades não tenho
Dos reis magos do oriente,
Das choupanas e da gente!
Ai! santa recordação

JOAQUIM HELEODORO

OOXOOXOO

As Flores de Inverno

(A LEITÃO JUNIOR)

Tu queres flôres, Joanna ?
Onde as flôres hei buscar ?
Nos vergedos murchas rosas
O frio fazem lembrar ;
A geada deste inverno
Todas as flôres matou ;
Nem sequer p'ra ti um lirio
Em pé na varzea ficou!

O pyrilampo nas selvas
A luz trememente extinguiu ;
Da estrella nos mantos negros
O dubio raio fugiu ;
Quieto o ribeiro não geme
Do frio preso ao torpor ;
Sem folhas morre a palmeira
Com buscar-te uma flôr?

Não vês ? O valle é silente,
Dorme no galho o colleiro,
Encolhe as azas geladas
Na moita o mocho agoureiro,
Na espessura da floresta
A rôla esconde os seus ais,
Quebra a cadencia o canario
Voando nos matagaes

Uma flôr, como buscar-te
Nestes mirrados rosaes ?

[112]

Não queiras flôres das varzeas
Quando a geada as matar ;
Se as rosas morrem no campo,
Venturas surgem no lar ;
O serão mais se dilata,
E o velho mais terno entoa
O canto que sempre ecoa
Nos corações a findar.

Vermelhas rosas se abrem
Nas faces da sertaneja,
Mais o olhar vivo lampeja,
O labio mais doce ri ;
Ao berço que balançado
Vôa nos ares faceiro,
Segue o canto feiticeiro,
E a felicidade é alli.

Da luz aureola sagrada
Da fronte de Deos, fulgura
Mais brilhante a chamma pura

Na longa noite ao serão ;
Não queiras flôres do campo
Quando ao frio s'emurcchecem,
Só no inverno lindas crescem
As rosas do coração !

JOAQUIM HELEODORO

OOXOOXOO

[113]

Tudo Mudado
(Monologo)

Se ao mundo agora viessem
João de Barros e Vieira,
Suar-lhes-ia a molleira,
Se acaso ecrever quizessem.
Muitos hoje desconhecem
O idioma adoptado,
E um pobre ancião, coitado,
Ficava a chuchar no dedo,
E exclamaria com medo:
Portugal está mudado!

Tenho um filho, um dodivanas,
Um asno, um janota, um tolo,

Que tem voltado o miolo
A mim, á mãe e ás manas.
Passam-se dias, semanas,
Até mezes, creio eu,
Em que o maldicto sandeu
Traz a familia confusa,
Pois que a linguagem, de que usa,
Té ao diabo esqueceu.

Diz que é a lingua da moda,
Que hoje falla toda a gente,
Que é elegante e decente,
Finalmente a nação toda.
Eu conheço que incommoda
Tanta tolice escutar ;
Mas vou-lhes sempre contar
Alguma phrase melhor
De tal lingua o tal primer,
Que é hoje moda fallar.

[114]

Um patusquinho, um ratão,
Que sabe apanhar dinheiro,
Era d'antes um *bregeiro*,
E agora um *entrujão*.
A mentira hoje é *palão*,

A pobre da cozinheira
Dá-se o nome de *sopeira*,
Um doido diz-se *telhudo*,
Mas é pior do que tudo
Ser a cabeça *trapeira*.

Chama-se *bronze* ao pataco,
Aos cinco tostões *carinha* ;
Um tostão é uma *rodinha* ;
Dinheiro em geral é *maco* ;
Quem tem juízo tem *caco* ;
E até chega a metter dó
Chamar-se ao frio *taró*,
E ouvir dizer das senhoras:
Está cheia de nove horas,
Vae toda coxa e liró!

Velhote de perna fina,
Que traz chapéu cheio de cebo,
Recebe o nome de *gebo* ;
E d'isso não se amofina.
Chama-se *secia* á menina,
Ao pae *polaco* ou *patrão*,
E não conheço a rasão
De ser o burro *gerico*,
O chapéu *quibumbo* ou *quico*
E a bebedeira um *pifão*.

O toleirão, deputado –
Letras gordas, um laponio –
Que se chama *Possidonio*
Ordenou Manuel Roussado.
E também acho engraçado
Que um patusco desordeiro,
Palrador e meetingueiro,
Que em tudo mette o nariz
E mal dos governos diz,
Se chamasse um *penicheiro*.

Ha dias fiquei pateta
D'ouvir (não direi a quem)
Que a moeda de vintem
Podia ser uma *cheta*.
E mais ouvi (não é peta)
Chamar *pelega* ao dinheito,
Em papel, homem useiro
A beber o seu copinho
Chamava-lhe um ratãozinho
Grande *chuva piteireiro*.

Não é palavra hoje usada
Meu namoro, meu derriço ;

Mas sim *ourela* ou *serviço*.
E para não faltar nada,
Se um sujeito dá pancada,
Diz-se que fez *um banzé* ;
E, se acaso esperto é
Para no meio da bulha
Poder fugir á patrulha,
Tingou-se... passou-lhe o pé.

[116]

Em vez de trem alugado
Diz se: *vim n'uma tipoia*,
Um cocheiro do Lagoia
E também *gato pingado*.
Tudo, tudo está mudado
Na linguagem de Camões,
E de certo convulsões
Teria Filinto Elísio,
Ouvindo que um olho é *clizeo*
E as suissas *matações*.

O que d'antes era apito
Hoje é *grillo* ou *rouxinol* ;
A bella pinga é *briol*,
Cigarro é *paivo* ou *palito*.
E é sobretudo exquisito

Ser um barulho *chin frin*,
Ou entrar n'um botequim
Um typo, fraca figura
E em vez d'uma mistura
Dizer: *traga um arlequim*.

A historia hoje é *batata*
Uma libra é uma *loirinha*,
E do cigarro á pontinha
Dá-se o nome de *beata* ;
O rosto é *facha* ou é *lata*
Chama-se *banza* á viola,
E é cousa que desconsola,
Em vez de: gosta de mim,
Usar-se dizer assim:
Vae muito na minha bola!

[117]

Quem gosta de chalaçar
De *pandego* o nome tem ;
Não possuindo vintem
Diz-se que *está a apitar*.
A musica popular
Chama-se hoje um *solidó*,
Se a gente vae ao Cócó
E come dois pastelinhos

Muito bons, muito quentinhos
Diz-se: são de *X. P, T, O.*

Mulher qye namora, *adica.*
Chama-se tanso ao *idiota*
Casa de jogo é *batota*
Estar com fome é ter *larica*;
Porém o que não se explica
E' ser o cabelo *solho*,
Ser o vinho *breu* ou *molho*
E mostrar que se é esperto,
Dizendo com o luzio aberto:
O Pae Paulino tem olho!

Eu muito dizer podia,
Mas tenho certo receio
De massar; mesmo já creio
Ter dito mais que devia.
E declaro que me ria
Se alguns a quem estou fallando
Tanto ficassem gostando,
Da lingua do filho meu,
Que exclamassem como eu:
São horas... vou-me raspando.

ooxooxoo

[118]

Os Chapéus
Monologo em verso original de Luiz de Araujo

O ACTOR
(*Entrando tal qual é. Aos camarotes*)

I

Estimo que voceleacias
Vão passando muito bem,
Conforme co'as apparencias,
Que cada uma ahi tem.

(*Pauza*).

Eu morro por conversar.
Nasci com uma loquella,
De estar sempre a dar, a dar
Sempre a dar á taramella.
– Attenção!–Sentido tomem
N'isto que lhes digo eu:
Vou-lhes provar que o chapeu,
Revella quem é o... homem.
Chega a ser uma mania,
Estes continuos estudos

De pura physiologia.

(Pauza)

Que m'importa que se ria,
Por ahi a humanidade
Visto que avanço a verdade?
Há quem diga que o estyllo,
E' o homem; – porém eu...
Eu não posso admittil-o,
Que o homem é... o *chapeu*.

[119]

II

Digam lá sinceramente,
Se o chapéu não dá na vista?
Pois eu assim, francamente,
Não me pareço um fadista?

(Põe o chapéu á fadista, pucha as melenas para a frente, lança mão de uma grossa bengalla, e dá-se ares de membro do sol-e-dó, com cigarro bregeiro ao canto da bocca).

Pareço: sou o retrato,

Do pimpão mais genuino,
A' parte a forma do facto,
E a calça á bocca de sino.

III

Um chapéu e um capote,
Cada senhor ahi note,
Um chapéu e um capote,
Podem crêr ser o bastante.
Para mostrar um marchante,
D'aquelle de grande lote.

*(Põe um capote e um grande chapéu
desabado).*

Olhem bem: d'esta maneira,
Com uns alforges depois,
Posso dizer:

[120]

(Voz grossa).

–“Compro bois
No mercado da Malveira”.

IV

Um conselheiro barão,
Com todo de *chipanzé*,
D'estes que tomam rapé,
Puro mazalipatão;
Córado como um inglez,
E que está esp'rando a vez,
P'ra sahir senhor marquez,
Usa sempre, isto é notorio,
Um enorme chapélório,
Posto á zampa um tanto ou quanto...
Isto que veem...

*(Põe um chapéi, e dá-se ares de um barão
inchicharrado).*

—Por tanto,
Quem uza assim um *balão*,
Não tem mais nada é barão.

V

Agora um *quico* encebado,
N'um *berguindim* acabado,
De olhar triste, turvo e vago
Logo a gente se convence...

(Põe um chapéu velho e exquisito),

que é rapaz que não tem bago,
infeliz amanuense.

[121]

Religioso que mostra,
Um grande pé com galóchas,
Rosto verde, que parece,
Chuchado pelas carochas,
Sem ter vislumbres de pansa,
Que é todo Céu e amor,
E que ás filhas do Senhor,
Préga a paz e a doce esperança,
Acreditem, não é peta...

*(Corre dentro ao bastidor e sáe de chapéu
de lazarista, livro de orações debaixo do
braço e chapéu de lazarista, livro de orações
debaixo do braço e chapéu de sol).*

Vai assim de chapeleta,
P'ra São Luiz Rei de França.

VII

Oram digam com verdade,

Se isto não é verdadeiro?
Eu estou mesmo á puridade
Exactamente um archeiro.

(Põe um chapéu de archeiro).

VIII

Pondo este agora de lado,
E enfiando este de véu,
Aqui me torna o chapéu
Um puro... *gato-pingado*.

*(Põe um chapéu com grande véu de luto
caído pelas costas abaixo, tocha na mão.)*

[122]

Ha velha que quando eu passo,
Velha de chappelleirão,
Que me diz:
- “Fu! que cheirete,
Que o homem deita a morrão”.

IX

Envergando este *liró*,

Chapéu mesmo de poeta,
E pondo a minha luneta
Redonda de um vidro só...
Olhem que cara garrida...
Sou tal qual um diplomata,
Na diaria mata-mata,
De passeiar n' Avenida.

*(Põe um chapéu de aba muito estreita e
luneta de um aro só).*

X

Mudando p'ra *capacete*,
Muito mais branco que a neve,
E que parece pezado,
Sendo no fim muito leve ;
Já não sou o Valle actor ;
Sou o typo sabio e bello,
De um laureado explorador.

*(Põe chapéu de capacete com toalha
branca).*

XI

E mudando para este

Vejam que typos tão ricos!

[123]

Ai, que typos tão ratões!
Sou o prior de Fanhões,
Com o seu chapéu de tres bicos.

(Põe um chapéu candieiro de 3 bicos).

XII

Vou concluir; mas primeiro
Tirando assim o chapéu,
Eu cortejo alegre o publico,
Que tem sido o amigo meu.

Mas para agora acabar,
Com chave de ouro e fechar
A minha phisiologia;
Eu lhes vou apresentar
Um chapéu de phantasia...
Não vão se surprehender,
Nem d'elle pasmar em summa,
E' chapéu femea – mui fino,
E' um chapéu feminino, —
Eil-o aqui com grande pluma.

*(Tem ido dentro e vem como anda o sr.
Doupias, o chapéu de palha de senhora, com
pluma branca, chapéu de sol amarello.*

OOXOOXOO

INDICE

Aviso ao publico.....	2	Corina.....	54
Ao leitor.....	3	Arminda.....	56
Serenata no mar.....	7	Sempre chorando.....	57
Serenata a Leonor.....	8	Minh'alma soluça.....	58
Lôla e seu cocheiro.....	9	Capital Federal.....	59
O cosinheiro art nouveau.....	11	Não confies na belleza.....	60
Parodia a Exposição.....	12	O meu paiz.....	61
O caixote.....	15	Resposta ao violão.....	62
Dúo.....	16	As delicias do amor.....	63
Os frades.....	19	Passando por certa rua.....	64
Saudação a Santos Du- mont.....	21	No ardor da paixão.....	65
Esperança.....	22	A vaccina e os ratos.....	66
Mascotte.....	23	A modinha do rato, rato.....	66
Salve.....	25	Minhas candonguinhas.....	68
Saudação a bella Ignez.....	26	Flor do Norte.....	70
Roda Yáyá.....	27	O menino de Santo An- tonio.....	71
Walsa das Cores.....	28	Cantigas.....	75
Creoulo Faceiro.....	31	Amor sincero.....	79
Nesta Rua.....	33	Canção.....	80
Questão do Acre.....	34	Ao luar.....	81
O pranto da rôla.....	35	Versos a Elisa.....	82
Desafio.....	37	Virginia.....	83
Placido de Castro.....	38	Jura constante.....	85
Canção da cabocla.....	39	Ingratidão.....	85
Ai ! Maria.....	40	As grandezas de Virgem	
A romã - No cimo de uma Colina.....	41	Maria.....	86
Idyllo no Cattete.....	43	Miseria.....	88
Soluçando.....	44	A' mãe da divina graça.....	89
Modinha da mulher in- grata.....	45	Louvores a Maria santis- sima.....	90
Albertina.....	46	Benção e Supplica.....	93
Carmen.....	47	Hymno do Trabalho.....	94
Envolta em gase e vaporosa...	48	Perfume da rosa.....	96
O rouxinol - Vem longe o dia, oh! grande Deus.....	50	O Espirito Santo.....	98
N'um bosque deserto.....	51	A trigueirinha do Valle.....	102
Mulher ingrata.....	52	O tropeiro	105
Passo a vida.....	52	Os Reis	107
		As flores de inverno.....	111
		Tudo mudado.....	113
		Os Chapéos.....	118

[125]

ACABA DE SAHIR A' LUZ

O COZINHEIRO POPULAR

— OU —

MANUAL COMPLETISSIMO DA ARTE DE COSINHA

Chamamos a atenção de todas as senhoras brasileiras, verdadeiras mães de família, exemplares donas de casa, honestas e economicas, para esta importante obra , a melhor que se tem publicado em Portugal e no Brazil, unica, verdadeiramente unica no seu genero; garantimos sob juramento.

OOXOOXOO

O COZINHEIRO POPULAR

ou

**Manual completissimo da arte de cozinha, edição de
QUARESMA & C.**

E' uma verdadeira encyclopedia culinaria, onde ha receita para todos os gostos, todos os paladares. Além das comidas estrangeiras como: Franceza, Portugueza, Ingleza, Allemã, Chinezã, Polaca, Turca, Russa, de todos os paizes da terra, com as suas especialidades; ha tambem a cosinha verdadeiramente nacional: **guisados mineiros, quitutes bahianos, genero paulista, iguarias do norte, manjares do sul principalmente do Rio Grande**, tudo quanto se quizer!!!

Muquecas, carurús, angúsm feijoadas á bahiana com leite de côco, e o celebre prato bahiana - a frigideira, etc., etc.

Ainda mais. Este preciosissimo livro ensina tambem tudo quanto diz respeito á pastelaria - empadas, tortas, pasteis, etc. - e contém um **Manual do copeiro**, que é arte de servir e pôr a mesa, segundo a etiqueta, com todos os FF e RR, o que nem todos sabem !

Um grosso volume encadernado de mais de 500
p ginas 5\$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 6\$, em carta registrada, com valor declarado e dirigida a QUARESMA & C., livreiros-editores.

OOXOOXOO

LIVRARIA DO POVO – Rua de S. José, 65 e 67

BIBLIOTHECA INFANTIL
DEDICADA ESPECIALMENTE A'S CRIANÇAS
DIRIGIDA PELO PROPRIO AUTOR
FIGUEIREDO PIMENTEL

Já se acham publicados, e estão á venda os seguintes volumes desta interessante e utilissima collecção:

Os meus brinquedos – O melhor e mais encantador livro para crianças, que existe em portugueza, unico no seu genero. Contém innumerias cantigas para adormecer no berço; brincadeiras e divertimentos para todas as idades; jogos de prendas e sentenças, e peças proprias para serem representadas por meninos e meninas, em casa, nos collegios e em theatrinhos particulares: tudo acompanhado de centenas de gravuras explicativas 4\$000

Theatrinho infantil – Esplendida collecção de monologos, dialogos, scenas comicas, dramas, comedias, operetas, etc. (em prosa e verso), proprias para serem representadas por crianças, dispensando-se despezas com scenarios, vestimentas e caracterisação, 1 volume com 24 peças. 5\$000

Album das crianças – Excellente obra encerrando muitissimas poesias dos mais celebres e modernos auctores, destinadas á infancia, proprias para serem recitadas em salas, nos collegios, em theatros, etc, ensinando as crianças a declamar e a se desembaraçar..... 4\$000

O castigo de um anjo – Delicioso e moralissimo conto, original do grandee escriptor Leão Tolstoi, commovente e sentimental, baseado na maxima christã: *Amai-vos uns aos outros*, obra divina, piedosa e cheia de 2\$000

Contos da carochinha	- Com 61 contos4\$000
Historias do arco da velha	- Com 60 contos4\$000
Historias da avósinha	- Com 50 contos5\$000
Historias da baratinha	- Com 70 contos4\$000

Estes quatro ultimos livros contêm esses contos que todos nós ouvimos em pequeninos, contados por nossas mães, velhas avósinhasm tias, madrinhas, amas, etc. etc, contos popularissimos, moraes e piedosos, que sabem as crianças todas de todos os paizes. São narrações phantasticas, onde ha fadas, lobisomens, genios mysteriosos, animaes falantes, bruxas, feiticeiros e encantamentos, mas em linguagem simples, inculindo sempre a idéa do bem e da virtude.

Cada livro fórma um grosso volume de 320 a 400 paginas, com milhares de vinhetas e gravuras, impresso em papel de bôa qualidade, typo novo e letras de fantasia, encadernado, e sempre com a mesma capa lithographada a côres.

Este aviso torna se indispensavel, devido ás imitações que se têm feito da nossa colleção para crianças. Assim, peça-se sempre a Bibliotheca Infantil de Figueiredo Pimentel, tendo-se o maximo cuidado na capa.

OOXOOXOO

LIVRARIA DO POVO – Rua de S. José, 65 e 67

MODINHAS BRASILEIRAS

OOXOOXOO

Cancioneiro Popular de modinhas brasileiras, organizado pelo Sr. Catullo da Paixão Cearense, distincto moço, conhecido poeta e prosador, excellent professor de linguas – nome que toda a gente conhece e tem applaudido.

O auctor reuniu pacientemente as mais bellas poesias populares que se prestam par o canto (*Modinhas*), emendou-as de modo que combinassem as palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo, o livro tornou-se admiravel e precioso.

Neste volume encontram-se as mais bellas modinhas populares, como sejam: Tenho saudades de Maura: A primavera; Lá para as bandas do Norte; No Sertão da minha terra; Borboleta mens amores; O perdão; Gosto de ti porque gosto; Vê que Amenidade; O vagabundo; e centenas e centenas de outras modinhas, cada qual mais linda. Um grosso volume de mais de 200 paginas, com bonita capa 2\$0 0

Lyra Brasileira. Repertorio de modinhas populares, escriptas e colleccionadas por Catullo da Paixão Cearense. Um grosso volume com luxuosissima capa colorida 1\$00a

Chôros Ao Violão Ultimo livro de modinhas, de Catullo da Paixão Cearense. Um volume 1\$000

Trovador Marítimo ou lyra do marinheiro, contendo canções maritimas, trovas, etc. Um grosso volume 1\$000

Trovador Moderno Collecção de modinhas brasileiras, organizada por Francisco Affonso dos Santos: este volume contem escolhido repertorio de bellissimas modinhas,

destacando-se O Desprezo: Os olhos Azues; O Ciumento, Um dia louco; Elvira, quizera amar-te, mas não posso ainda, porque gelado trago o peito meu; Na Meiga Lyra, A Mulata, mostraram-me um dia na roça dançando, e muitissimas outras. Um volume.....1\$000

O Cantor de Modinhas Brasileiras, contendo todas as modinhas do palhaço Eduardo das Neves e o barytono cancionista Geraldo de Magalhães; contem este livro, além de milhares de modinhas, as seguintes; O Augmento das Passagens; Foi um Passo lá da Estrada de Ferro; O Cinco de Novembro ou a morte do Marechal Bittencourt; Perdão Emilia, A gargalhada; A Guerra de Canudos, etc. etc. Um volume com uma linda capa, com o retrato de Eduardo das Neves1\$000

Trovador da Malandragem Ultimo livro do popularissimo cantor Eduardo das Neves, contendo centenas de modinhas entre ellas: Santos Dumont Augusto Severo; Chateau velho de guerra, etc., etc. Um volume1\$000

Lyra de Apollo, Album de lindas modinhas, recitativos, lundús e canções, colleccionadas por João de Souza Conegundes. Um volume de 300 paginas, com capa colorida desenhada por Julião Machado2\$000

Lyra Popular, escolhida colecção das mais celebres poesias de poetas brasileiros e portuguezes comprehendendo muitas que só se encontram neste volume, como as de José Bonifacio, Pedro Luiz e Francisco Octaviano. Obra organizada por Custodio da Silva Quaresma. Um grosso volume de mais de 400 paginas3\$000

Trovador de Esquina ou repertorio do capadocio, contendo milhares de modinhas e tambem a revista de Souza Bastos “Tim-tim por tim-Tim” Obra completa. Um grosso volume.....
.....2\$000

Serenatas, novíssima collecção de modinhas e lundús chorosos. Um elegante volume..... 1\$000
Trovador Brasileiro, única edição completa, contendo trechos de operetas, monologos e cançonetas, e uma infinidade de modinhas velhas e novas, tristes e alegres. Um grosso volume de 200 paginas 1\$000
Poesias do Zinão, contendo uma enorme collecção de modinhas e fadinhos portugueses. Um volume 1\$000

LIVRARIA DO POVO

65 e 67, Rua de S. José, 65 e 67

MANUAL DO NAMORADO

**Contendo a maneira de agradar ás moças ; fazer
declarações de amor ; vestir com elegancia, etc, etc.,
seguido de :**

100 CARTAS DE NAMORO

Novissimas e elegantemente escriptas em estylo elevado

Un grosso volume encadernado.... 3\$000

OOXOOXOO

O Physionomista

Arte de conhecer o character, o genio, as inclinações, as
qualidades e os sentimentos das mulheres, pela
physionomia, segundo

Lavater e Gall

O leitor, se quizer conhecer a sua noiva, a mulher com
quem vai conviver, que vai ser a sua companheira de toda a
existencia, tendo este livro ficará sabendo si ella é falsa ou
verdadeira ; si o enganará ou não ; quaes os vicios, as virtudes,
os defeitos e as boas qualidades que ella tem.

Alem disto, este grandioso livro é acompanhado de uma
colecção de retratos, excellentemente desenhados, tirados de
admiraveis photographias, nos quaes estão todos os typos de
mulheres que existem no mundo inteiro. Exemplo : quem
quizer conhecer a indole de sua noiva é só procurar o retrato
que mais se pareça com ella (e há sempre um que mais se
parece) ver, ler, estudar o que é essa mulher, e dando ao
desconto, saberá quem é a sua noiva.

O QUE É O AMOR

na qual se ensinam todas as especies de amôres, por que é que há pessoas felizes, como os D. Juan, e outras que nada arranjam na vida !

Um grosso volume bem impresso com inumeros retratos 3\$000.

OOXOOXOO

LIVRARIA DO POVO – Rua de S. José, 65 e 67

[4ª capa]

MODINHAS BRASILEIRAS

OOXOOXOO

CANCIONEIRO POPULAR de modinhas brasileiras, organizado pelo Sr. Catullo da Paixão Cearense, distinto moço, conhecido poeta e prosador, excellent professor de linguas – nome que toda a gente conhece e tem applaudido.

O auctor reuniu pacientemente as mais bellas poesias populares que se prestam par o canto (*Modinhas*), emendou-as de modo que combinassem as palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo, o livro tornou-se admiravel e precioso.

Neste volume encontram-se as mais bellas modinhas populares, como sejam: Tenho saudades de Maura: A primavera; Lá para as bandas do Norte; No Sertão da minha terra; Borboleta mens amores; O perdão; Gosto de ti porque gosto; Vê que Amenidade; O vagabundo; e centenas e centenas de outras modinhas, cada qual mais linda. Um grosso volume de mais de 200 paginas, com bonita capa.....2\$000

Lyra Brasileira. Repertorio de modinhas populares, escriptas e colleccionadas por Catullo da Paixão Cearense. Um grosso volume com luxuosissima capa colorida.....1\$000

Chôros Ao Violão Ultimo livro de modinhas, de Catullo da Paixão Cearense. Um volume1\$000

Trovador Marítimo ou lyra do marinheiro, contendo canções marítimas, trovas, etc. Um grosso volume1\$000

Trovador Moderno Collecção de modinhas brasileiras, organizada por Francisco Affonso dos Santos: este volume contem escolhido repertorio de belissimas modinhas,

destacando-se O Desprezo: Os olhos Azues; O Ciumento, Um dia louco; Elvira, quizera amar-te, mas não posso ainda, porque gelado trago o peito meu; Na Meiga Lyra, A Mulata, mostraram-me um dia na roça dançando, e muitissimas outras. Um volume 1\$000

O Cantor de modinhas brasileiras, contendo todas as modinhas do palhaço Eduardo das Neves e o barytono cancionista Geraldo de Magalhães; contem este livro, além de milhares de modinhas, as seguintes; O Augmento das Passagens; Foi um Passo lá da Estrada de Ferro; O Cinco de Novembro ou a morte do Marechal Bittencourt; Perdão Emilia, A gargalhada; A Guerra de Canudos, etc. etc. Um volume com uma linda capa, com o retrato de Eduardo das Neves 1\$000

Trovador da Malandragem Ultimo livro do popularissimo cantor Eduardo das Neves, contendo centenas de modinhas entre ellas: Santos Dumont Augusto Severo; Chateau velho de guerra, etc., etc. Um volume 1\$000

Lyra de Apollo, Album de lindas modinhas, recitativos, lundús e canções, colleccionadas por João de Souza Conegundes. Um volume de 300 paginas, com capa colorida desenhada por Julião Machado 2\$000

Lyra Popular, escolhida colecção das mais celebres poesias de poetas brasileiros e portuguezes comprehendendo muitas que só se encontram neste volume, como as de José Bonifacio, Pedro Luiz e Francisco Octaviano. Obra organizada por Custodio da Silva Quaresma. Um grosso volume de mais de 400 paginas 3\$000

Trovador de Esquina ou repertorio do capadocio, contendo milhares de modinhas e tambem a revista de Souza Bastos "Tim-tim por tim-Tim" Obra completa. Um grosso volume.
..... 2\$000

Serenatas, novíssima collecção de modinhas e lundús chorosos. Um elegante volume1\$000
Trovador Brasileiro, única edição completa, contendo trechos de operetas, monologos e cançonetas, e uma infinidade de modinhas velhas e novas, tristes e alegres. Um grosso volume de 200 paginas.....1\$000
Poesias do Zinão, contendo uma enorme collecção de modinhas e fadinhos portugueses. Um volume.....1\$000

OOXOOXOO

LIVRARIA DO POVO – Rua de S. José, 65 e 67